

Murilo Mendes

CONVERGÊNCIA

1 – CONVERGÊNCIA
2 – SINTAXE

1963-1966

LIVRARIA DUAS CIDADES
1970

CONVERGÊNCIA

EXERGO

Lacerado pelas palavras-bacantes

Visíveis tácteis audíveis

Orfeu

Impede mesmo assim sua diáspora

Mantendo-lhes o nervo & a ságoma .

Orfeu Orftu Orfêles

Orfnós Orfvós Orfêles

Roma 1964

Grafitos

A RUGGERO JACOBBI

GRAFITO NUM MURO DE ROMA

1

Um verme rói — enorme roer —
Um verme rói minuciosamente
Desde que o tempo sentou-se sôbre si
A trombeta ovóide .

Um verme ecumênico
Teólogo teleológico
Rói a priori — único tóteme —
O filme da história total .

Um verme enorme rói
Um verme inerme rói
Qualquer julgamento
Presente futuro
Pessoal universal
Miguelangelesco ou não .

Um verme irreversível rói a tiara
Suspensa de palácios terrosos .

•

A eternidade criou tantos dédalos
 Que já perde a noção de espaço .
 Procurando homem por homem
 Urbi et orbi
 Procura-se a si mesma sem sua túnica :
 Mínima . Finita . Ex .



A eternidade acaba desconhecendo
 As próprias catacumbas escâncaras
 Os próprios arcos de triunfo do tempo
 Idos calendas calêndulas
 Os leões alados & seus espaços monumentais
 Os falos suspensos em obelisco
 Os essedários & os éssedos
 Os imperadores de pedra
 Levantando irrespondidos braços .
 A eternidade anoitece
 A cavalo sôbre seus palácios
 Ocre .



Um verme roerá a morte
 Favila fasula . Ex .

Roma 1964

GRAFITO NA PEDRA DE MEU PAI

Tu fôste
Casa feita / paz / ternura
Aberta para o mundo.
Santo-e-senha distribuías
A pobre , amigo , ignoto .

Irônico / repentista / malincônico
Eis tua marca maior : hombridade .

Essa cabeça ovalbranca
De mineiro gentilhomem
(Belo)
Sinais emitia célere
De soaveforte comando
À tribo de songamongas .

Tu & Maria José
Montanhosa generosa
Repartiam entre os oito
O coração em fatias .

•

Teu filho pródigo
Polêmico giróvago
Giralivros
Anárquico alicaído
Insoferente do século
Acolhes preparando
Perdão virtualha & serenim .

•

Sem ti & Elisa não seriam :

O Brasil
A Bíblia
Betelgeuse

Maria da Saudade

Mozart
Dante
Paul Klee

O amor da liberpaz
A página branca
A Espanha

•

Trabalhador da vida. Homem de aço
& sêda , sinto ainda pulsar
Teu coração

ecumênico .

Juiz de Fora 1964

GRAFITO NA PEDRA DE MINHA MÃE

A pedra abre os olhos mansos de colomba .

Morte polêmica

Morte que separa homem & sombra
rosa & espinho

Catapultou-me da esfera do teu ventre

Para êste território ásperoanguloso

Onde soou no espaço

A primeira ruptura : tempo subtraído-te ,

História em mito permutada

Eletronicamente .

Bela / Jovem / magnética

Talhada para canto & clavicímalo

Te eclipsas no limiar do século

Que cedo iria me absorver

No seu contexto polêmico .

Extraíndo-te de mim

Fechando-te magnólia mobile
selenocêntrica

Elisa Valentina minha filha unigênita

Tornaste-me

Espiritado esdrúxulo ;

Geraste

Minha cosmogonia .

Juiz de Fora 1964

GRAFITO NA EX-CASA PATERNA

A môça despetalada . Oito uniformes ôcos .
Exausta , além do lábio , a palavra potável .

Sem ângulos o triângulo antropomorfo .
O som do “Magnificat” , esqueleto de som .

O prato de feijão , jantar da cinza .
O piano a quatro mãos , nem ao menos um dedo .

Desdêmona demona : agora desmembrada .
A engrenagem da flor : poeira desmanchada .

Papagaio de sêda , extinto no anticéu .
O livro de Alencar : quem o roeu é roído .

A montanha engolida no horizonte .
O filme dinamarquês descolado no caos .

•

Pacientes , dois cristais emigrados da cova .

Juiz de Fora 1964

GRAFITO PARA IPÓLITA

1

A tarde consumada , Ipólita desponta .

Ipólita , a putain do fim da infância .
Nascera em Juiz de Fora , a família em Ferrara .

Seus passos feminantes fundam o timbre .
Marcha , parece , ao som do gramofone .

A cabeleira-púbis , perturbante .
Os dedos prolongados em estiletos .

Os lábios escandindo a marselheza
Do sexo . Os dentes mordem a matéria .

O olho meduseu sacode o espaço .
O corpo transmitindo e recebendo

O desejo o chacal a praga o solferino .
Pudesse eu decifrar sua íntima praça !

Expulsa o sol-e-dó , a professôra , o ícone
Só de vê-la passar , meu sangue inobre

Desata as rédeas ao cavalo interno .

2

Quando tarde a revejo , rio usado ,
Já a morte lhe prepara a ferramenta .

Deixa o teatro , a matéria fecal .
Pudesse eu libertar seu corpo (Minha cruzada !)

Quem sabe , agora redescobre o viso
Da sua primeira estrêla , esquartejada .

3

Por ela meus sentidos progrediram .
Por ela fui voyeur antes do tempo .

4

O dia emagreceu . Ipólita desponta .

Roma 1965

GRAFITO NUMA CADEIRA

Cadeira operada dos braços
Fundamental que nem osso

Não poltrona com pés de metal
Knoll
Ou projetada por um sub-Moholy Nagy
Com nota didascálica

Antes cadeira no duro
Cadeira de madeira
Anônima
Inânime
Unânime
Cadeira quadrúpede

Não aguardas
Nenhuma “iluminação” particular
Nem assento e clavícula de nenhuma deusa
Que te percutisse — gong —
Nem de nenhum Van Gogh
Que súbito te tornasse
Eterna

Roma 1964

GRAFITO NO PÃO DE AÇÚCAR

Do cume desta colina
Nove bilhões de anos
Contemplam-nos .

Neste Rio descobri

O Brazil / cruz e delícia
Saudade minha amada .
Neste Rio ásperofísico
Nomeei-me poeta .

Aqui conversei
Ismael Nery
Mestre / malungo máximo
Entre canto gregoriano e jazz .

Aqui aprendi
Presto a ser
Espiritualmente semita .
Alimentei-me de Índia .

Daqui vi crescer
A novíssima Israel :
Karl Marx / Freud / Einstein .

Daqui pude aferrar
Picasso / Mallarmé / Strawinski

Lutei com o Verbo encarnado .
Matéria fui / para forma .

Aqui toquei imediato
Ou por tangência & contaminação
Múltiplas coisas grandes
Visíveis invisíveis .

•

À beira desta baía
Largoespacial
Desamei / amei
Deslouvei / louvei

Cedo desarme-me .

Senti crescer-me
Comunicante
O duplo fogo eternofísico
Pai de todos e meu .

•

Nesta baía cabem tôdas as esquadras
Não cabe nenhuma bomba .

•

Do cume desta colina
Contorno o BR acelerado
 retardado
 extrovertido
 coisificado

Meu olho circular navega o mundo
Que aceito
Malgrado mil _____

Rio 1964

GRAFITO PARA MÁRIO DE ANDRADE

1

Sofro de brasilite ,

Mísero télamon

Para suportar nos ombros o BR :

Esmaga-me concreto

Ainda mesmo à distância .

Ninguém situa o BR

Inaferrável .

•

BR difícil multívago

Oscilando / Coisa maior

Entre mocambo e arranhacéu

Entre molusco e caviar

Entre a inácia e a gateza .

BR :

IGUALMENTE CANDIDATO

AO DOMÍNIO DO UNIVERSO /MAIAKÓVSKI

E AOS TRABALHOS FORÇADOS

Nos teus porões aportam diàriamente

Enormes caixas de problemas-coisas .

BR —

Entre utopia / realidade

Personalismo / afetividade

Deposita-se o futuro .
“Será tempo de esforço caudaloso ,
Será humano e será também terrívelíssimo .”

2

Teus rios Dioscuros
Tuas diáboas
Êste povo coisando na durocracia
Ásperos contrastes

O imenso ideograma da fome
O guaiar do Nordeste goderando
No polígono do abichorno
Sol mecânico .

3

Planificaremos a fatalidade ?
Poremos tôdas as vírgulas no lugar ?
Exorcizaremos o dólar ?

Solancas-te .
Solavancas-te .

Esquematizas .
Estilhaças-te
Esperando o traumaturgo .

•

A cada um sua xícara de café .
A cada um aloprado
Sua mínima ração de morte cotidiana .

BR / minha raiz / minha insônia :
 O pássaro-telégrafo
 Adia o anúncio da aurora
 Aeroplanada .



Avante fôrça do homem .
 Paz no BR e no mundo .

Avante música do homem ,
 Paz no BR e no cosmo .

Paz a Mário de Andrade no seu osso
 Distante das Erínias .

Avante epos do homem ,
 Avante plano-pilôto
 Contra o autosatisfeito
 Caos .
 Avante / Coisa maior
 Avante / Coisa maior
 Sursum corda
 Sursum
 Sur _____

Rio 1964

GRAFITO PARA SOUSÂNDRADE

O BR longe-olha o gavião da usura .
Mantém o tubarão adornado de lustres .

Ôndula o rio com seus braços magros .
Nos peitos da sêca o nordestino mama .

Os mandarins suspendem no futuro
Esta constel-ação : reforma agrária .

(Atardece nos campos desplantados) .
Que faz o analfabeto ? Desulula .

Passam Vitórias-Régias arrastadas
Por vinte e quatro mil carros de bois .

Cem mil trabalhadores edificam
Uma tôrre de peles de chinchila .

•

Defronte um tal diagrama calarei
A paisagem do céu transavionado

Onde “fulge” o esqueleto do Cruzeiro :
Não pode o homem faminto contemplar

Êsses gólfãos de estrêlas e galáxias ,
“Triângulos triângulos Semíramis” .

•

Qual é a solução : o solução ?

Roma 1965

GRAFITO PARA AUGUSTO DOS ANJOS

As vísceras percutem-me as próprias vísceras

As vísceras chateiam-me

Insistem-me machucam-me emerdam-me

Dó ré mi fa sol la si às avassas

Agridem-me com serrotes

Vísceras esdrúxulas

sórdidas

contrácteis

arrítmicas

adstringentes

assimétricas

As vísceras representam-me personagens de

[Jeronimo Bosch

Dirigidas por Luís Buñuel

Provocando-me

Urinando-me

Campainhando-me

Martelando-me em ré maior

Calcabrinhas malacodas

•

As vísceras côm de torquês

Propõem-me a inexistência de Deus

Reduzem-me

A um tubo irritado

A uma célula separada

Atacam minha crença

no mundo unívoco

Medem os passos

que me separam do ponto final

Saqueiam a beleza com b minúsculo
Saqueiam a Beleza com B maiúsculo .

Corpúsculos
Mísseis mínimos
Apontados sôbre mim
 Corpúsculos vitrescíveis
 Uncinados
 Unciformes
 Despedem-me
Estilhaços de palavrões oblíquos
Injetam-me areia radioativa
Atiram-me vitríolo , abrangem-me
Todo o miserê .

•

As vísceras perfuram o tempo
Sentam-se — um segundo — rindo às avessas

Desarrumadas
dentuças
desapontadas ;

Apesar dêsse trabalho roedor
A Bomba não descende ainda
Na espantosa engrenagem
Das vísceras muri-

lianas .

Roma 1964

GRAFITO PARA MÁRIO PEDROSA

Um aviãopássaro passa
Carregando um homem dentro :
Não transmite nenhum canto .

•

Atacam-me Mercedes, Julietas .
Será mesmo o osso do peão
Igual ao do cosmonauta ?

•

Sigo cego maquinal
Signos mágicos disparados
Cego sigo maquinal
Siga / avanti / alt / stop
Cego sigo maquinando .

•

Cartaz : texto instantâneo
Linha curta entre dois contextos
Vida ————— morte .

•

Irmão da rua , nenhum irmão .
Quem toco sem o situar ?
Qual de nós é homenizado ?
Será o homem inconcluído ?

Roma 1964

GRAFITO EM MARRAKECH

Circunvejo . Circungiro .
Indigito o céu índigo .

15 quilômetros de muralhas
 Desdobram
 paralelo
 o espaço incólume

O espaço vestido de jellaba vermelha
Com um fêz de nuvens verdes
Atravessa-se

Espaço

 servido
 sorvido
 pelo espaço
 gerado
 pelo tempo do espaço

Come-se o espaço
Com dedos de palmeira pés de laranjeira

•

O horizonte circum-adjacente
Investe o homem

Gerações de engenheiros geraram
Paisagens de água
 plana
 plena
 obediente
 deitada

•

Marrakech 1963

GRAFITO EM MEKNÉS

Teus espaços espaçosos
Eu respiraria , Meknés :

Sinto o hálito da Bomba
Atrás dos ombros , Meknés

Sôpro da Europa entupida
De bases navais , Meknés

De bases aéreas terrestres
Plantadas partout , Meknés .

Meknés : camelos arrastam
A carruagem do Tempo .

Meknés ai de ti rodando
Virá o tank de mildentes

Meknés tuas damas veladas
Parirão terror & angústia

Meknés ai de ti também
Estrangularão teus espaços .



Meknés nos teus ombros gastos
Virá pousar minha mão
Sem papel , tinta , linguagem ,
Poeira da letra , Meknés .

Meknés 1963

GRAFITO NOS JARDINS DE CHELLAH

Tarde aportei aqui no século duro
Esvaziado de infância , expulso do divino
Que Marrocos afeiçoa .

Súditos da história , êste incubo ,
Fizemos do jornal nossa paisagem diária .
Deslocamos o centro de interêsse do mundo .
Nos desconhecemos em várias línguas ,
Fluidos irmãos humanos
Operadores da alegria .



Jardins: do mar ou do deserto o pórtico ,
Alógenos
Alógicos
Último luxo do espaço
Natureza ao nível do fantástico .

Os gritos sólidos
Das palavras euroárabes
Vão descendo conosco os degraus que descemos
Impelidos pela fúria do ar-tambor .
Alguém divisa os pés de Lalla Chellah
Se dileguando no horizonte
Redondo . Rabat nos espreita de costas .



Regressar : verbo relativo ,
Na sua roda , seus motores & eco
Nos restringe .

Rabat 1963

GRAFITO EM FEZ

Nesta esfera se estudou
Deus ; onde a teofania
Acampara , tantos corpos
Santos cedo nasceram ,
Dissonantes pesquisando
“Os desertos brancos da
Imortalidade da alma .”

Caminhos àrduamente escandindo
Os “souks” : adonde o objeto
Descende até agora do
Artesão . Couro e oricalco
Presto cambiados na amêndoa ,
Idioma e pão do Magreb .

•

Tens a pedra de Zalagh
Mais a argila do Saïs :
Breve serei muito menos .

•

O corte maior da mesquita
Invoca-me : direito à Quibla
Descalço-me , o canto da cal
Sem nenhum adôrno ou figura ,
Mais invogal que vogal ,
Mais fino que o do almuédão
Me separa do Ocidente .



¿ “Je regrette l’Europe aux anciens parapets” :

Não, prefiro dessaber

Guardando o sabor de

Fez .

Monossilábica

Incorporo-te .

Fez 1963

GRAFITO PARA A GRANDE MESQUITA
DE FEZ

Sacrifício : ritmo . Ablução . Rito direto .
O toque da água-mãe no osso do dedo .

Ritmo : dom de Alá . Nem todos são eleitos .

Quem dispara o olho em direção a Meca

Alude ao sacrifício interno , voa dentro :

Se puro , o saberão , hélas ! Alá

Maior dentro do escuro , além do dedo ,

E o áugure da gnose , o só Maomé .

Fez 1963

GRAFITO EM TÂNGER

Desço na noite amarela
Onde a laranja sibila .

Vai êste ôlho vertical
Divisando as tangerinas
Veladas
De braços com os tangerinos
No silêncio horizontal
Tangível .

Tânger tangida , ácida
Paisagem de portas redondas .

•

Surpreendo mais tarde Tânger
Imóvel sem véus,
Tangente à malinconia :
Temendo o tangolomango

Saio da noite amarela
Onde a laranja sibila .

Tânger 1963

GRAFITO NA PRAÇA DJEMAA EL FNA

Quem diz Alá diz : espaço .

Deus . O espaço de Deus . O braço

Que escreve : “Faço . Desfaço . Renasço .”

Paço aberto a todos . Compasso

Regula o giro do espaço . O não-lasso .

O braço vector do homem lasso .

Marrakech 1963

GRAFITO NA LÁPIDE DUM ALFAIATE GRECO

O tempo rodando com sua foice

Corta o meu traje ,

Atrai a tesoura de Átropos .

GRAFITO NA LÁPIDE DUMA
MENINA ROMANA

Vivi parede-e-meia com minha mãe ,

Durante nove meses aquecida .

(Soavam flautas . Pássaros voando .)

Borboleta que larga seu casulo ,

Concluí o sonho . Comecei a vida .

GRAFITO PARA LI-PO

Seguro nos dedos a paisagem
Deixando no céu ex-azul
Passagem aberta
Ao sol
 único girassol



Tudo dorme na água no pêndulo na gérbera
A noite
 dócil que nem toalha às mãos
Vem tocada na minha flauta



A borboleta preta
Semi-sonha que um martelo amarelo
Voa do Oriente ao Ocidente
Em direção ao seu corpo incoativo .



Levando puro intacto o peixe ,
Exata que nem um copo
Sob a lua
Afasta-se a barca branca
Da sombra da bomba .

Roma 1964

GRAFITO PARA HOKUSAI

Corporal desenho
Cruelmente refinado
Onde os dedos do Japão
Centrípeto caminham .

Paisagem ao infinitesimal
Silêncio : roda em movimento .
Sombra de homem ou jardim
Se habitando .



Naturezvisão
Espaço caligráfico traçado
Pelo pássarovô
Na ilha quadrada .

Rito de ferro
Transporto em sêda .



Japão metáfora de Hokusai
sim & não
Hokusai metáfora do Japão
não & sim .

Florença 1963

GRAFITO PARA SHRÎ RÂMAKRISHNA

Vígil aluno da paz ,
Brâmine escarno tocando
(Sem bramar) o lume do osso

Penetras pela experiência
O trágico homem rodando
Triturado à iniquidade .

Rude rito , seu trabalho ,
O homem roda rodando
A roda que esmaga o homem .

Aguarda em vão o rodízio
Do rude rito trabalho
Que o proíbe de ver Brama .



E tu sabes, Râmakrishna :
Seria a forma dos deuses
Sem a palavra do homem ,
Seria o lótus de Brama
Sem a raiz do homem-água ,
Sem a raiz do homem-paz ?

Roma 1965

GRAFITO SEGUNDO KAFKA

1

Marcar a solidão , sem consciência ,
Sem lâmpada , sem mapa ou mão tangente ,
Trocando as letras do seu próprio nome .

Que tinhas de comum contigo mesmo ?
Bastava-te o respiro da palavra .
Tua testa , teus pulmões tramaram contra
Ti . Autoabandonado antes de alguém te .

2

K:
Todos falam da morte paralém :
Eu falarei da morte paraquém :



Perdi a carta o passaporte o eco .
Magazines fechados . Tudo está , sempre

Esteve fechado . Alfabeto partido .
A fechadura fecha , não se abre .

A escada rolante , em sentido contrário :
Sobe para baixo , desce para cima .

O anúncio luminoso ilumina o sabão .
O ônibus conduz-me ao armazém de Anubis .

Para quem apelar ? Telefonam em chinês .
Telegrafar à ONU ? A resposta em kafkês .

3

Sou recolhido diante de outro homem :
No limiar do inferno que não sei .
Nem êle sabe .

4

A mensagem era de outro . Para outro .
Deram-ma por engano . Quem sou eu .

•

A versão do robô — talvez genuína .

•

O absurdo , nosso pão cotidiano ,
Nossa técnica atual de autoasfixia .

•

Sou da terra e do céu enquanto textos .

•

Crer num deus : é ser oculto a si
Ou então se manifestar ao próprio ser ?

•

Campoconcentração : só para o imbele .

•

Os tremores de terra sem sismógrafo ,
Sem sismograma . E sem tremor de terra .

•
A destruição do rito : uma parte do rito .

•
As nádegas na adega de quem são ?
A voz que me tocou não é voz , nem me toca .

•
Não sou de meus irmãos , de meus pais ou de mim .
Ottla minha irmã : irmã de quem ?

•
Os dois K do meu nome : num só nome .
O F comprimido entre dois A , dois K .
Pobre dêste nome sem esfera . Só ângulo .

5

O cristão que não sou , o judeu que me estranho .

Tudo vem de Moisés , vem de Freud ou da Índia .
Houve judeus hindus à época do Buda ?

Em Paris sofro de Praga . Em Praga , de Paris .

A crueldade : mais lúcida que o antônimo .
América , Rússia , China , de tão grandes
Tornaram-se para mim abstrações .

Veio Rebeca, mas não era Rebeca :
Antes de chegar , eu destruía a aliança .

Nada se explica . Tudo se destrói .
E tudo se transforma — para outrem .

Sinto-me a desprazer na cama de um qualquer .
Tôda casa é uma praça , e na praça quem sou ?

A palavra transmite fato e idéia .
O fato evaporou-se , a idéia finge .



Não pedi para nascer , não escolhi meus pais .
Fui impôsto a mim próprio . O enigma permanece .

Roma 1964

GRAFITO PARA PAOLO UCCELLO

1

Cavalomens
(Manequins)
Lanças pré-velazqueanas
Restringem o espaço do guerromem .

Quem eleva o cavalo morto (autônomo)
Senão o pintor ?

O escultor só eleva o cavalo vivo
servo do homem .

O espaço (compacto) se pertence
Ou pertence ao homem ?

2

Talvez a única batalha
Onde aceitasse figurar

Para contorná-la depois
Redimensionada pela tua ótica :
Perspectiva pacífica .

Na tua batalha entro
Da tua batalha saio

Não mato ninguém
Nem fui morto .

À tua batalha volto
Siderado não-ferido
Pela Coisa épica

Com esta paz que a pintura
Mais que pedra ou som
Sabe dar .

3

Esgota-se (?) a pintura
Não a palavra pintura
Pertencente por exemplo

A Paollo Uccello pictor .

Florença 1964

GRAFITO PARA PIRANESI

1

Qual o verbo adequado a êstes cárceres
Qual o adjetivo para estas moles ,
Máquinas mono-mentais
Construídas à desmedida do homem ?

Aqui o gatopardo perde a pátria
O vegetal o mineral se arrepiam

Perdidos nestes vaticanos de ecos
Onde subir e descer : têrmos análogos
Igualmente para qualquer escadaria ,
O homem sendo julgado pela pedra .

Aqui se percebe súbito :
Todo rei foi falso .
Todo rei , ex-rei .

O caminhante sem téssera
Desorientado pelos blocos superpostos
Apela em vão para Kafka
Intérprete (sem chaves) dêste enigma .

2

Tudo é secreto , alusivo ao caos .
Tudo deriva do signo manifestando
A fôrça em espiral ou pirâmide
Do verbo que pronunciou o ato
Noturno de existir , sonho do avêssio
No reino da murocracia

3

De qualquer ruína
Não se distingue o sinal
Próprio a liberar o passo subterrâneo
Do templo
Do tempo
Do tampo
Do plano .

O homem pospõe-se à coisa .

4

Portas des-feçam
Portas des-abrem

5

O horóscopo “não” dizendo
Cada um leva seu infranome .

Ecos recíprocos
Odiando-se ondeando-se
Dinamistificam o ar
Esperando a eversão
Desastre obscuro

Passado presente futuro
Nos porões do etc .

Roma 1965

GRAFITO NA ESCULTURA “SANTA TERESA”
DE BERNINI

Mármore vão petrificada espuma

GRAFITO EM RAVENNA

1

. . . Como interpretaria Êle
Tantos mosaicos sereno-iterativos .

Bizâncio : trono vacante
Lustre elíptico
Paraíso estático
No mosaico .

2

O florentino-ravennate
Regressa da bomba
Disparada
Desde a mão de Caim :
Prepara Malebolge .

3

Nestes becos onde Êle
Aparava o raio na mão
Diariamente

Circulam figuras de Antonioni
Ou não
Cada um portando sua fatia de inf .
Ainda clandestino .

Arquiteturas de fumaça
Suprimem a paisagem
Inauguram o tédio da indústria
Que Êle situaria no _____

4

Recorda-te : Êle abole o fluido
O limbo o contôrno da linguagem

Marca antes e fatos com vermelho .
Marca a sacraltura .
Cria espectros : mais fortes que os viventes .

Da coisa / da natureza / do sexo
Extrai a ferocidade .

Anteprova os dentes da morte .
Cronometrando o giro da história
Inventa o triplemundo .

5

Ali
Dentro do dentro subsistem
Os originais da versão real do mundo .
A palavra nascendo-se comendo-se gritando-se .

Ali a própria luz — igual à escuridão ;
Duríssima coisa / luz de pedra preta .



Singular encontro de Bizâncio (extinta)
Com Êle egresso do _____

&
A massa anônima (coisa)
Que a indústria (fraude)
Opera
 cesàreana-
 mente .

. . . Quanto ao amor que . . .

Ainda moverá ?

Ravenna 1963

GRAFITO PARA BORROMINI

Só, com régua e compasso
Diante do mundo barroco
Sua zona de vida
Seu teto e pavimento :
Pede a candeia vertical
Que ninguém oscilando porta .

Toma céu imediato a espada
Recebe-a explícita
Na estrutura do peito .

A Roma ocre espaciocorporal
Delimitada pela tiara ubíqua
Súbito se anula .

Só entre êle e êle próprio ,
Arquiteto de ontem mudado neste
Igual a sua forma extrema ,
Concluído o exorcismo
Pelo espaço rarefeito ,
Jaz .

Roma 1961

GRAFITO PARA GIUSEPPE CAPOGROSSI

Terra subúrbio das galáxias .

O pintor constrói o signo
O signo mede o pintor

Eu vi apalpei o signo

O cavalo Pégaso
Desenhado
Torna-se um cavalo um signo .
O cavalo que eu nunca avistei
É uma metáfora .

A sibila K-F- 199
Escreve com dedos de aço :
“G. C. desvenda o signo .
Perdeu-se a sentença da sibila .”

Levanta-se a manhã
Beladormecida no binóculo :
Insones sandálias
No laboratório do Capo
Grossi .

“Energia branca
A linha é só medida
Transfere-se o centro de gravidade
Mediante novos meios .” (Klee) .

Geometria gótica .

Roma 1963

GRAFITO PARA ETTORE COLLA

De pé no eco quadrado
Orfeu
Defenestra a matéria supérflua
Assumindo
 o canto vertical do ferro
Atinge a linguagem elíptica
O teto sem nuvens / inventado

Homem autorfeu
Desarticula o autômato da musa .
Autoser de músculos tesos
Desfere a alavanca da ex-lira
Dispara palavras diurnas
Cosmocriativas .

Ícone

 contra o íncubo .

Já clássico .
Se verticaliza no prumo
Sua ságoma .

Roma 1964

Escultura consultada : ORFEO

GRAFITO PARA ANTON PEVSNER

Ôvo monumentalmente :
Gerado por Antiquíssimo princípio

Energia de espaço durosêco
A ídola irrompe da linha axial

Construção
 proparoxítona
 estruturada
 na autoforma da fôrma
 com dedos compasso de aço

Superfícies esféricas explodem
Ao corte
 anti-canto
 brusco da matéria

Símbolo dos símbolos
 Côncavo convexo
 Concêntrico
 Másculo maiúsculo

Roma 1964

GRAFITO PARA SERGEI EISENSTEIN

A imagem macho & fêmea
Num ritmo prêto & branco
Caminha
Em cortes progressivos
Dentados antagônicos
De linhas paralelas
Diagonais monumentais .

O horizonte do filme
Cresce, a consciência
Marcha em nós , mil , de
Partícipes imediatos , da
Cooperativa que somos
Ou deveríamos ser ,
De contrastes que portamos
Em giro , visão & sangue .

A imagem sobe , escandindo
Átono ou esdrúxulo
O canto coral do homem ,
Luta do múltiplo contra uno ,
Torna-se fato , medida
Do ótico que subsiste
Em cada espectador ,
 Épico ,
 Espéculo .

Roma 1962

GRAFITO PARA CASIMIR MALEVITCH

Casimir Malevitch pintor
Situa o objeto abatido
Esgotado pelo futuro :
Suprime-o
Instalando em seu lugar
Uma paisagem de cilindros & triângulos
Onde passeamos ; dentro .

Depois cria :

Quadrado negro em campo branco ,
Estema do tempo moderno .



Casimir Malevitch
Destrói o córtex da natureza .
Enfrenta a forma do zero-círculo .
(Tudo cabe no espaço do zero
Igual ao círculo) .

Adota a esfera , sua própria filha .
Nomeia o deserto ao qual chegou
Pelo esvaziamento do objeto .

Dentro do espaço agredido cabe
A pintura futura :

Quadrado negro em campo branco .

Ajustam-se antagonismos
Na calma dinâmica visível .

Florença 1963

GRAFITO PARA VLADIMIR MAIACÓVSKY

Um cosmonauta cantando dá a volta ao cosmo
Enquanto eu desfaço a barba .

Constrói-se a décima musa
Economia dirigida Unatotal
Que deverá mover o homem nôvo

Planifica-se nos laboratórios
A futura direção dos ventos
Extrai-se energia das algas
Opera-se o sol

Eletrifica-se a eternidade
Reversível

Entretanto

O PLANETA NÃO ESTÁ MADURO
PARA A ALEGRIA

Roma 1963

Murilogramas

A LUCIANA STEGAGNO PICCHIO

MURILOGRAMA AO CRIADOR

Desde o osso do abismo
In-voquei Teus pés .

Nasço — um dia — entre parêntesis
Morrerei — quando — entre parêntesis .

Sou meu heterônimo
Nada eletrônico :
Nunca um nasce
Suficientemente .



Portando a tésseira de Jonas
In-voco Teu número
Descer sôbre meu úmero .

Existo no osso e pelo osso
Que me confere identidade
Do céu às avessas aguardo
O timbre da electroplessão .



Meu trabalho : exceder-me do meu nada ,
Do meu contexto de ossos .

Sou tudo menos o universo
Que emprestaste ao homem
Físico nuclear
À tua imagem e semelhança :
Expansionista .

•

Constróis minha fôrma em cruz
Desde nove bilhões de anos .
Minha forma
Devo eu fabricá-la no tempo
Com estas mãos autônomas :
A WORK IN PROGRESS
OPERA APERTA

•

Armados do olho de um milhão de volts
Descobrimos as galáxias
Que escondias no teu bôlso :
Tornam-se agora
Cotidianas cadeiras .

Nossa problemática progride
À dimensão do universo .
Esquadrinho-o
Esquadrinhamos-Te
Ex-tóteme .

Caçamos-Te com aeronaves :
Não mais nosso álibi ,
Aguilhão sim .

Roma 1964

MURILOGRAMA A N. S. J. C.

*“C’est le Christ qui monte au ciel mieux que les aviateurs .
Il détenient le record du monde pour la hauteur.”*
Apollinaire.

A

Peixe triangular . Pedra angular .
●
Pastor da eternidade . Herói do tempo .
●
Sol cooperativo , Oculto em catacumba .
●
Único ator de milmãos . Teatro aberto .
●
Eqüipolente a Deus . Filho do homem .

B

Cordeiro de Deus icástico
panifica
vinifica
pacifica
vivifica o mundo ex-mundo .

C

Santíssimo cordeiro
Alfa e ômega do verbo

Suspendido na tua cruz
— Alta máquina polêmica —

Dá-nos até o fim do fim
O pão subversivo da paz .

D

Qui tollis :

MURILOGRAMA A JOÃO SEBASTIÃO BACH

João Sebastião
mete o som na mão

João Sebastião
mete o sol na mão

João Sebastião
martelando o órgão

João Sebastião
espaventa o górgão

João Sebastião
temperando o cravo

João Sebastião
tolhe-nos o travo

João Sebastião
restaurando Orfeu

João Sebastião
mestre vosso e meu

João Sebastião
tua vontade louvo

João Sebastião
movimento nôvo

João Sebastião
pule apura poda

João Sebastião
roda roda roda

João Sebastião
ouvido da Paixão

João Sebastião
esfera em rotação .

Roma 1965

MURILOGRAMA A CLARA ROCHA ¹

1

Vislumbrei-te uma única vez / No claroescuro / Entre-
aberta Clara / Telepessoa. / Levantada pelas colunas
do teu pai .

A noite era . / Estava . / Tinha tu própria . / Da linha-
gem de Bernardim Ribeiro e Memling .

Mas não querubim nem aurora nem resedá nem futura
sibila / Depositados no porão da linguagem .

Binocularmente soube te delimitar : jovem relâmpaga .

2

Quando cresceres / Acelerado o século / Lerás um
manual de fenomenologia descrever-te / Objeto .

Te acreditarás — corporal sim — um objeto ? Portador
de outros já superados objetos . Nem sacro nem leigo .
Mas um ser .

(1) Clara Rocha, menina, filha de Miguel Torga.

3

Que é um ser ? Tal determinado ser / Algo terrível /
Macho ou fêmea / Tempoespacial / Sòlidamente es-
puma / franja concreta aderindo à substância do sonho /
Encantésimo / Condensação de matéria e forma :

Vejo-o sem ver / Nem sou digno de o tocar ou cheirar /
Diurno / Noturno / Sempre o idêntico ser .

Algo que se abrefecha / Labirinto cotidiano / Máquina
que se levanta e se autodestrói / Cedo ou tarde cam-
biando-se em alegoria / “Aboli bibelot d’inanité sono-
re” ? / Mas fôrça .

4

Não sei precisamente quem tu és / Muito menos —
ahimè — o que sou . / Também o microscópio elude .

Sei que dormes . Futuros esqueletos que já são / Dor-
mem todos os entes no ar duplo . / Dormem todos /
Ainda o físico que no seu laboratório / Detecta a ener-
gia do cosmo . / Até mesmo O espírito sempre acor-
dado .

Muitos tocam / No diorama do sonho / A cidade fraterna / Agora construída por mão paralelas /

Esta própria terra / Onde armas sobrevivem no museu :
passou da necessidade à liberdade .

5

Dorme , Clara . / As galáxias comunicam-se com
outras / Transmitindo-se viaradar / Os últimos realizados / Contos de fadas .

Dorme : A Bomba não descerá nem subirá . / Sabe que
lhe faltaria o respiro e a resposta . / Não existe alternativa para a Bomba / Que pretendeu substituir-se ao homem .

6

Um cosmonauta pilotando uma nave gestatória / Domina longimirante
A terra / E te fotografa : tu num barlume / Livre livre / Tocas a futura cidade construída por mãos paralelas .

7

Amarro à tua porta o Mondego . / Regresso-me . / Paz ?

Coimbra-Roma 1963

MURILOGRAMA A BASHÔ

O grito gris
Das aves altas
Com seu realejo .

•

Mira estas flôres gigantes
Arrumadas em ikebana :
São duras que nem cadeiras .

•

As hastes do boi
Majestosas determinam
O ritmo do seu andar .

•

O diamante despertou
Quando sentiu infiltrar-se
O braço branco da lua .

•

A flecha voa no ar :
Desce , porta uma mensagem
Da minha amiga giróvaga.

•

O habitante de Hiroshima
Aponta a nuvem no céu
E chora .

Roma 1964

MURILOGRAMA A GUIDO CAVALCANTI

*“Cosí ha tolto l’uno all’altro Guido
La gloria della lingua ; e forse è nato
Chil l’uno e l’altro caccera del nido”.*

Purg. XI, 97-99

Radiogràficamente entrego-te o texto táctil
Interrogo o que / sem transístor / vês apalpas ouves
Nesses teus próximos bulevares

entre Júpiter e Saturno

Ou então em galáxias

Pressentidas / num baleno / ao telescópio .

Faixa de galáxias / desarmadas /

matemática-sonho .

•

Também agora se funda um nôvo estilo .

Ahimè ! Já o novíssimo súbito se eclipsa :

No mundo / semiótico / deflagrado pela história

Suspense

Do anti-canto da Bomba .

Agora / opacos / espectrais

comunicantes em superfície

Com tésseira de alienados ,

Nem criamos grafitos : grafito se é .

Alguns pensam-se télamons eletrônicos
Portando / o terrestre teclado .
Quem atinge a dimensão moderna ?
Resíduos de barroco enfrentam
As futuras ruínas da linha reta .



De pouco amor / tememos / trememos :
Sitiados pela linguagem tóteme
Num oblíquo tempo tátil-visivo .
Rompendo espaço criador
Regressamos / com mísseis / à caverna .



Cavalcanti
No esdrúxulo território tipográfico
Atravessado pela espada do teu nome
Tu autômato
Explicas a automatização :

“IO VO COME COLUI CH’È FUOR DI VITA ,
CHE PARE , A CHI LO SGUARDA , COME SAI
FATTO DI RAME O DI PIETRA O DI LEGNO ,

CHE SÉ CONDUCA SOL PER MAÏSTRIA .”

Roma 1963

MURILOGRAMA A HÖLDERLIN

1

Poeta lacerado pelo BR
— Univercidade nascente —

Lutando para modelar o caos
Liber'ação

À tua grave Ode ou Delfos
Chego Hölderlin

Procurando o eco elíptico
Do canto órfico ;

(que a espada atinge
em Delfos, Rio ou Tubingue ?)

O pórtico de oliveira ;

Mensageiros da poesia
Coloquiais
Aeroviando ,
Usando a cabeça .

2

Saíste das Madres antigas .
Passaste do oval ao esférico

Tentando a ortopedia
Das ruínas do Sagrado .

3

Vacante de Diotima
Ex-Nausícaa mineral
Fixada na estrêla santa :

Abolido Scardanelli
Assumes o corpo apêndice .

4

A quem entregar sigla e senha ?
A quem a chave do verbo
Se todos : ex ?

Tudo é fábula da fábula
Mitologema do mitologema
Tudo é fôrça do vento (macho)
E da ventania (fêmea) .

Roma 1965

MURILOGRAMA A LEOPARDI

1

Em que medida / Leopardi

Será tua linguagem
Tangente à — rompida — nossa ?

Não fui a Recanati : vou aos CANTI .

Teu verso élego-polêmico
Implica o cosmo no seu pessimismo .

2

A janela te abre :
Tempo em que nasciam
Janelas paralelas .
Janela um ser , duplo da língua .

A janela te abre :
Natureza totalmente soletrada
Exausta à ardósia ;

Inesgotados espaços
Sobrehumanos silencios .
A estrêla é doméstica ,
Mesmo vaga , da Ursa .

3

A noite desossada
Te incorresponde .
Pões a nu sem aspas
O inelegante sofrimento .

Atinges a colina com palavras .
Adivinhas talvez
A próxima aurora elétrica
Desligando-nos do teto
Das Idéias , antigo .

Vais contactando
A sempre apalavrada morte .

4

Destróis o quadrado
Conservando a esfera .

•

Êsse dandismo da melancolia
Ou da imparidade ;

O grito como sistema .

•

Antefilmas o tédio ,
Restos da adombrada natureza
No irrealismo refúgio Recanati .

5

Retrato . Gaveta . Diário .
Zibaldone da memória .

De Sílvia / Nerina / Aspásia
Elípticas / iterativas / obliteradas

“Lingua mortal non dice . . .”

Assim tua carne épica enfrenta
Amor menabó da morte .

6

Sofres a transição
De um cosmo provisório a
Outro cosmo elevado a ⁿpotência .

Quando escreves
“La lima è consumata ; or facciam senza”
Nos tangencias.

Roma 1965

MURILOGRAMA A GÉRARD DE NERVAL

Desposa a cidade sardenta .
Sol brancoprêto da melancolia .

Vomita a aurora feroz .
Invoca a número 13 .

•
Condena
Suspende Vogais consoantes na corda
Violenta

Cancela jornal , telégrafo .
Levanta o véu da Quimera .

•
Homem apócrifo , transferido .

Desliga a corrente poética ,
Automorendo à palavra .

•
Que mais lhe importa , punido .
Aurélia , o herói , a uremia ,
A gárgula , o gueto , o gazômetro .

•
Aquêlê corpo lhe despertencia :
Fôra-lhe o “mundo” emprestado .

Roma 1965

MURILOGRAMA A BAUDELAIRE

Traz o pecado origin = existir .

•

Maneja o caos que regula .

•

Palavra : pessoa , despessoa .

•

Desventra a rua-universo .

•

Enfanterrible totalizador .

•

Debruça-se à janela da pintura .

•

Poesia e coração , áreas opostas .

•

Heautontimoroumenos .

•

Inventa a simetria dissonante .

•

Negro luminoso : a côr do seu estema .

•

Telefona = lhe a Medusa .

•

Sofre de modernidade ou de ser B ?

•

Funda um reinoilhasalão .

•

Assume o espaço da música .

•

Paralelo à putain , ao pária .
•
Constrói a mulher naviforme .
•
Razão + cálculo : supernatureza .
•
Anexa o leitor , sósia e sigla .
•
Mineral . Artificioso . Ri-se .
•
Fantasia , alquimia e álgebra .
•
Metáfora : equivalente a épura .
•
Aurora citadina , aurora “autre” .
•
Aloprado . A lógica do absurdo .
•
Sonho : sinal matemático .
•
Da morte — operação extrai o nôvo .
•
Morte : única novidade pros modernos .
•
Terrible Baudelaire toujours recommencé .

Roma 1965

MURILOGRAMA A RIMBAUD

•
Inventa . Excede do século .
•
Porta a partitura do caos .
•
Blouson noir / beat / arrabbiato :
•
Duro . Ar vermelho . Górgone .
•
Orientaliza o Ocidente .
•
Barcobêbedo . Anarqlúcido .
•
O céu-elétrico-no Índice .
•
Fixa a vertigem , silêncios .
•
Dioscuro , exclui o Oscuro .
•
Abole Musset , astro ocíduo .
•
Refratário . Ambíguo . Fállico .
•
Osíris de T e açoite .
•
Canta : retira-se a flauta

•
“Merveilleux” : lê “merdeilleux” .

•
Desdá . Desintegra . Adenta .

•
Consonantiza as vogais .

•
Perpetuum mobile . Médium .

•
Ignirouba . Se antecede .

•
Morre a jato : se ultrapassa .

•
Desdiz a noite compacta .

•
Autovidente & do cosmo .

•
Além do signo e do símbolo .

•
A idéia do Dilúvio senta-se .

Roma 1965

MURILOGRAMA PARA MALLARMÉ

No oblíquo exílio que te aplaca
Manténs o báculo da palavra

Signo especioso do livro
Inabolível teu & da tribo

A qual designas , idêntica
Vitoriosamente à semântica

Os dados lançando súbito
Já tu indígete em decúbite

Na incólume glória te assume
MALLARMÉ sibilino nome

Paris 1961

MURILOGRAMA PARA MARIA DA SAUDADE

Mulher tôda sal e espuma ,
Filha e neta de altos entes ,

Companheira de arte-vida ,
A tua medida é única :

Deus te criou , destruiu o molde .
Tens um lado cartesiano ,

Submetes pessoa e fato
Aos ritos da acupuntura

— Não movida por crueldade —
Com lucidez vigilante .



Teu fado : o de Celme , um dia
Transformada em diamante

Por ter dito aos seus patrícios
Que Saturno era um mortal .



Talhada para o feérico ,
Operaste-me do tédio .



Sempre entramos comovidos
Nas densas naves de Bach ,

Nos terraços de Mozart .
De raro timbre é gôsto :

Gôsto certo . total ,
Se revela na unidade

Desde a escolha de um cordel
Até à do livro , uma casa

Com sua vida dentro e fora .
Assim através dos tempos ,

Temperamentos diversos
Portando sendos sinais ,

Na soave concordia-discors
Construímos nossa paz .



Senhora do mundo enigma ,
De labirintos Ariana ,

Tu serena aparecida
Tu poesia liberdade

Com um livro-cristal sublinhas
O teu dançado destino .

Roma 1965

MURILOGRAMA A CAMÕES

Sim : lavrador da palavra =
Teto e pão da nossa língua =

Desde meninos mamamos
Nos rudes peitos da Lírica =

Livro central semovente
Que parte do particular

Até investir o alto cume
De onde o Todo se contempla .



Na tua página o movimento =
Rotação do substantivo

Sustentado pelo verbo .
Provocas a transformação

Da antiga cítara em órgão ,
Mudando-se o eco em grito .

Levantam-se os versos = nervos
Ligando a estrutura sólida .



Homem de carne e sentidos
Teu elenco de femininos

Se enriqueceu a-vicenda
De Natércia a Dinamene

Diretas participantes
Ou mesmo oblíquas = da outra

Epopéia inda mais dura
Do que a marítima : Eros .



Só o italiano e platônico ?
Não , português e ecumênico .

A ti = lavrador da palavra
Que herdaste dos pluravós

Juntando-lhe a experiência
Da tua tensa humanidade =

A ti lavrador da palavra =
Teto e pão da nossa língua .

Roma 1965

MURILOGRAMA A ANTERO DE QUENTAL

Disse ;

definiu a dúvida
descerrou (quase) o Ser

Deixando

desvontade
desespêro
desarrumação

Desadorado

desabotoa o pensamento

Dispara

no dedo
o dado

desencarna-se

Lisboa 1961

MURILOGRAMA A ANTÔNIO NOBRE

Não sei se haverá lugar
Para o poeta elegíaco ,

E se poderão coexistir
FINNEGANS WAKE e o só .



Anulando-te , Antônio Nobre ,
Anulo o menino que fui .

Cesário Verde e tu próprio
Assinalam a transição

Da minha infância à descoberta =
Até Baudelaire chegar

Portando instrumento afim :
Soava a modernidade

No seu timbre dissonante .
Tua ternura campestre

Contaminando-me o espírito
Com sua guitarra dócil

Cede o passo a outro espaço
Forte-esdrúxulo-exigente

Que nos constringe até o osso .
Palavra urbana — inurbana —

Duríssima-alienada =
Que nos propondo ruptura

Agride o século XX
Com o seu canivete anti ;

Enquanto teu poema humano
Não é objeto : uma pessoa .

Roma 1965

MURILOGRAMA A CESÁRIO VERDE

Cesário Verde ———> agrocitadino
Com dedos de tocar terrestrefruto
Terrestreflauta & ácido nervosa
Linguagem sensorial : esta conhece
A terra precedendo a própria testa
Curva laranja satélite portátil
& polpa do texto , a síntese aguda
Servindo o léxico próximo do tacto :
A terra que já nutre o sangue forte
Do vinhocorpo sávido afluindo nos
Textos de NÓS atuais micROLUSÍADAS .

Consideras tal môça : nasce novamusa ,
Traz ferro-de-engomar , acesa lira .
PseudoBaudelaire anoiado percorres
A solferina rua tão relida
Retrocena dos teus decassílabos retos .

O estil (o) ete afiado agride os peitos de Lisboa
Ocidental exaustos . Noite nas sílabas :
Regressas ao quarto só do real extraindo
O ato de operar na mesa o próprio texto ,
Exata matéria tua extrovivendo .

Lisboa 1964

MURILOGRAMA A FERNANDO PESSOA

Regressando sempre do não-chegar ,
O gume irônico da palavra
Pronto a estimular-te o sólito ócio
De guarda-livros do Nada .
Não dás o braço a . Dás-te o braço .

Guardas o cansaço de quem palmilhou
Quilômetros de palavras camufladas
Em Ode adversativa : a ti adere
Sob o látego dum céu que não consentes
Donde se debruçam Parcas eruditas :
E ainda a contrapelo atinge o cosmo .

Exerces o fâscino
De quem autocobaia se desmembra
Afim de conhecer o homem no duro
Da matéria escorchada .
Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo .



Sebastianista duma outrora gesta , dramaturgo
Retalhas o não-acontecido que te oprime

E determina o eterno contingente
Na área do sem-povo , já que o povo
Ao Fatum reduzido , desnavega .

Por sono sustentado e aspirina ,
Sofista manténs a música que não tens
Entre dez dedos dividida . Morse transmitindo o não
[do sim ,
Já isento em vida do serviço de viver . Anúmero .



Quanto a mim adverso ao Nada , teu imã ,
Eis-me andando nas ruas do gerúndio .
Ensaio o movimento , vôo portátil .
Devolvo-te grato o que não me deste ,
Admiro-te por não dever te admirar ,
Na linha da atração reversível dos contrários
Contrapassantes .

Roma 1964

MURILOGRAMA PARA MANUEL BANDEIRA

A poesia antojada / as pianesas /
O cinema em diorama
Que viste cedo nascer
Conduziram-te muito presto
À tua eleita Pasárgada
Universal brasileira ,
Manuel .



Teu riso humano
Animal / mineral / múltiplo
Abrange largas faixas de vida ,
Resgata a aspereza dos díscolos .
Anticacto és.

Teu riso : manifesto / programa
Orvalhoperdão
Que desde do pluricéu .
Risoartepoética
Aderente à palavra
do teu mundoeixo .



Tua POÉTICA
Indigitou-nos o caminho

Do inconformismo na metamorfose :
Durante um ciclo de semente & giro
Nossa lírica
Se manuelizou .
Todos nós catecúmenos
Bebemos no teu Canto .

*

Êste tempo não ama os alumbrados
Nem os pacíficos a oriente e a ocidente .
Tempo sem esfumatura / prênsil / túrgido
Da cólera armazenada pelos séculos
À espera do post-objeto : explosivo .
Os exagitados adiantaram os relógios ,
O futuro antechega .
Também culpa do clarim :
O clarim puxa a espada , nasce a guerra .
Nossa esperança : que a Bomba
Não ouvindo o clarim , adormeça .
Tu Manuel idêntico a ti mesmo
Pacífico subsistes .

*

Fazei soar o vinho essa flauta :
Na gentileza da luz
Louvamos

Manuel Bandeira .

Roma 1964

Expulsa-se o nome do nome
Ninguém haverá mais
Com nome ou sem

In illo tempore
Vanitas vanitatum
Omnia van _____ , Oswald .

2

“Nous ne sommes pas au monde” .

Ubi Troia non fuit .

A Coisa devora a coisa .

Houve .
Sempre houve .
Mas nunca houve o verbo houver (^)
Nem houverá .

Troia Troia choverando
Mando tiro tiro lá

Não fui a Troia ou Brasília .

Roma 1965

MURILOGRAMA A GRACILIANO RAMOS

1

Brabo . Ôlhofaca . Difícil .
Cacto já se humanizando ,

Deriva de um solo sáfaro
Que não junta , antes retira ,

Desacontece , desquer .

2

Funda o estilo à sua imagem :
Na tábua sêca do livro

Nenhuma voluta inútil .
Rejeita qualquer lirismo .

Tachando a flor de feroz .

3

Tem desejos amarelos .
Quer amar , o sol ulula ,

Leva o homem do deserto
(Graciliano-Fabiano)

Ao limite irrespirável .

Em dimensão de grandeza
Onde o conforto é vacante ,

Seu passo trágico escreve
A épica real do BR

Que desintegrado explode .

Roma 1963

MURILOGRAMA A ANÍBAL MACHADO

Nasceste para driblar a guerra
Em suas formas menores ou maiores :
Desde o ventre de tua mãe
Trazias no punho
um ramo de oliveira .



Civilíssimo paisano
No teu nôvo espaço
cósmico
cooperativo
Até mesmo as máquinas amam ,
As dalias dão-se bom-dia
Ninguém *bate* nas portas
Mesmo porque não existem portas .
Grã-finos de casaca servem barnabés .

No teu nôvo espaço
As pessoas portando telêmetros
Circulam sem código .
Tudo é grátis ; o amor caminha
À velocidade de 300.000 quilômetros por segundo.
Do teu nôvo léxico
Náusea & conflito se excluem
O V. cede lugar ao W.

Teus próprios textos te acompanham
Passados a ferro estampados
Incólumes :
Vencerás tua eternidade
Refazendo JOÃO TERNURA .

Que língua se escreverá
Se falará nesse outro mundo ?



Trazias o futuro no teu bôlso .
Surrealista heterodoxo
Cartesiano de Sabará
Livre anarquista sem bombas
Mais cristão sei que marxista
Fôste involuntário do caos .

Com uma nuvem pessoal a tiracolo
Distraído tomaste por engano
Sem passaporte
O avião Morte K. N. 666 .

Vais abrindo tuas próprias janelas
De onde súbito descerras
Um outro universo de ternura ,
Do alto das Três Marias
Columbrando as seis Marias .
Pedindo-lhe desculpa
Dás um puxão de orelha
Na morte maleducada .



Involuntário do caos
Companheiro de aventura
Realizas tua própria essência
Estranhas tua própria ausência
Dêste teu mundo ex .



Não .
Nunca serás inaugurado .

Roma 1964

MURILOGRAMA A CECÍLIA MEIRELES

Dorme no saltério & na magnólia ,
Dorme no cristal & em Cassiopéia .

Dorme em Cassiopéia & no saltério ,
Dorme no cristal & na magnólia .

O século é violento demais para teus dedos
Dúcteis afeiçoados ao toque dos duendes :

O século , ácido demais para uma pastôra
De nuvens , aponta o revólver aos mansos

Inermes no guaiar & columbrando a paz .
Armamentos em excesso, parquesombras de menos

Se antojam agora ao homem , antes criado
Para dança , alegria & ritmos de paz .



A faixa do céu glauco indica-te serena ,
Acolhe a ode trabalhada , nãogemente

Que ainda quer manter linguagem paralém .
Altas nuvens sacodem as crinas espiando

Teu sono incoativo . A noite vai inoltrada ,
Prepara úsnea de sêda à ságoma da tua lira

Que subjaz no corpo interrompido , diamante
Ahimè ! mortal que os deuses reclamaram .



Dorme em Cassiopéia & no saltério ,
Dorme no cristal & na magnólia .

Roma 1964

MURILOGRAMA A C . D . A .

No meio do caminho da poesia
selva selvaggia
Território adrede
Desarrumado
Onde palavras-feras nos agridem
Encontrei Carlos Drummond de Andrade
esquipático fino
 flexível
 ácido
 lúcido
 até o osso .

Armado
De lente compasso
Gramática não-euclidiana
 & humour nuclear
Na oficina-laboratório
Itabiromem clarenigmático
Extraí do léxico
Uma lição de coisas .
Enxuto abre o manúbrio
À brisa sarcástica de Minas .
Dorme acordado .

•
Glossógrafo declancha
Com seus olhos de termômetro
A máquina do mundo da linguagem
Em contacto contraste atrito & rotação
Diurna .

•
Deflagrando história & semântica
Radiografia o
Desgaste do mundo coisificado .
Destrói o córtex do verbo
Dispara o contexto insólito
Descobre a “obsolescence”
 os “rifiuti”
 os restos do zero .
Contrapõe às galáxias poetizadas
O inframundo
Antigaláxias da náusea
 das fezes
 da poeira
 do medo
Os labirintos íntimos
A paisagem delével do sexo
A paisagem de smog
Os pontapés do amor
A insuportável dor-de-corno
A esquirola de osso do homem .

MURILOGRAMA A JOÃO CABRAL
DE MELO NETO

1

Comigo e contigo o Brasil .
Comigo e contigo a Espanha .

Entre mim e ti a caatinga ,
Entre mim e ti a montanha .

Comigo e contigo Velásquez ,
Graciliano , o moriles .

Entre mim e ti o barroco ,
A cruz , Antonio Gaudí .

Comigo e contigo o Andalu ,
Flamenco , Écija , los toros .

•

Entre mim e ti o símbolo ,
Entre mim e ti o “pattern” ,

A estrovenga , a sondareza ,
O oxímoron , o anacoluto ,

O mitologema , o eucológico ,
O compasso , o eléctron-volt ?



Comigo e contigo o antifascio ,
Comigo e contigo a Gestalt .

Comigo e contigo a antibomba ,
A flor azulbranca da paz

Nascida de fértil convívio
& ritmo alternado recíproco .

2

Sim: não é fácil chamar-se
João Cabral de Melo Neto .
Fôrça é ser engenheiro
Mesmo sem curso & diploma ,
Pernambucano espanhol
Vendo a vida sem dissímulo ;

Construir linguagem enxuta
Mantendo-a na precisão ,
Articular a poesia
Em densa forma de quatro ,
Em ritmos de ordem serial ;
Aderir ao próprio texto
Com o corpo , escrever com o
Corpo ;
Exato que nem uma faca .

Fôrça é abolir o abstrato ,
Encarnar poesia física ,
Apreender coisa real ,
Planificar o finito ;

Conhecer o vivo do homem
Até o mais fundo do osso ,
Desde o nove de um Mondrian
Até o zero dum cassaco
Espremido pelos homens
Na sua negra engrenagem ;
Radiografar a miséria
Consentida , estimulada
Pelos donos da direita ,
Levantar-se contra a fome
Sem retórica gestual ;

Descobrir o ôvo , a raiz ,
O núcleo , o germe do objeto ;

Ter linguagem contundente ,
“A palo seco” ; e portar
— Sem nenhum superlativo —
Ôlho e mão superlativos
Com o suplente microscópio .

Roma 1964

MURILOGRAMA A GABRIELA MISTRAL

Num território de trigo
& cobre te criaste criança
De vôo sólido terrestre .

Eu te datilotoquei :
Encorpada tal a terra .
Horizonte semovente .
Mesa posta afeto aceso .

Índia de alto coturno
Incorporas maya & quíchua
Ao teu espaço de família .

Os pés giróvagos traçam-te
Mapa total , periferia & centro
Do teu toque corpóreo , dom .
Andina . Transandina . Íntegra

Integras tua saga , humana
Linguagem de vinho culto
Nutrindo um hóspede áspero

Chegando de qualquer vento .
Portavas o sal , a raiz
No prato , na própria bôca
Comunicando homem & cosmo .

Roma 1964

MURILOGRAMA A TEILHARD DE CHARDIN

Apenas começou-se a rodar
A semente da idéia planetária

Onde o zênite alcança o nadir
Onde o A dispara para o Z .

Para além da noosfera paralém do cosmo
O pensamento vostock ... (teleguia)

Topando com harponautas catecúmenos
Egressos do irreal cotidiano

Atinge o próprio núcleo da energia
Que nos identificará , fogo altíssimo .

Roma 1965

MURILOGRAMA A CLAUDIO MONTEVERDI

Fanfarras azuis travestidas em fanfarras vermelhas
Empunhando estandartes verdes travestidos em
[estandartes brancos
Aceleram os músculos de jovens mulheres vermelhas
Travestidas em jovens mulheres azuis

inclinadas à
ocisão do homem .

Roma 1963

MURILOGRAMA A DEBUSSY

1

Tangencia Stéphane Mallarmé .

•

Considera a estrutura do silêncio .

•

Abole o eixo da tonalidade .

•

Balança vertical pesa a medida .

•

Clepsidra separa o dia da noite .

•

Suspende a fúria do ventomemwagner

2

Com um sol frio agarrado no ombro
Pronuncia a palavra : acordes livres .

Reserva ritmo e sangue para um outro
Que nunca o viu nem vê ; mal o ouvirá .

•

O espaço da pauta se concede margens
Entre puras IMAGES assimétricas .

Não falarei cristal , já deformado :
Mas falo a fortespuma da escritura .

3

A música que — consciente — planejou
Era-lhe imposta qual estrêla ou nuvem .

Roma 1965

MURILOGRAMA A DALLAPICCOLA

O homem atonal rompe a tônica ,
Não rompe a figura do som .



O som feito de fôlha ou de ferro
Impele o homem coral , o homem solista .



Uma alta música pro-visiona
O deserto .
Uma alta música gira-soa
O verbo .
Uma alta música move-ecoa
O epos .



Sem o ritmo que atrai a cosmocáritas
O homem seria címbalo insonante . / S. PAULO



Ruptura . Drama . Comunicação .
O músico sacraliza o espaço laico ;
Funda a cosmopauta ,
Dallapiccola sim .

Roma 1965

MURILOGRAMA A WEBERN

Je EST UN AUTRE
Rimbaud.

O quadrado inserido no redondo / Alude a um microcosmo portátil . / Tempo matemático que se autodefine / Por fragmentos paralelos de minuto : / Contidos em prismas alinhando-se na partitura . / Decanta-se Guillaume Dufay . / O som da praxis . / A praxis do som .

Fuzilando-te / Anton Webern / Por engano / Fuzilaram quem ? / Ofereceram-se uma falsa vista / E uma audição fantasma do mundo . / Tal ocisão contrai-se / Num simulacro de morte . / Mas tu / Intacto Anton Webern / És concreto . / Teu espaço desaparece o vôo . / Disseste o funda-mental .

Não podes contactar no paralém / O pulso da cidade arrítmica . / Nem podes captar / As atuais sirenes de alarme / Antecipando o deflagrar do século futuro . / Não somos fuzilados por engano . / *Je EST UN AUTRE* .

Roma 1964

MURILOGRAMA A EZRA POUND

Marca a transição do manuscrito
Ao texto nôvo datilografado .

Com “eyes of Picasso” investe o espaço
Da então palavra a duas dimensões .

Scriptor inventor desce de másc'ara
No tablado onde esgrime sua pessoa .



Exposto numa jaula expia a culpa
De colab . speaker do fascismo :

Página tristobscura no contexto
Da sua vocação de dramaturgo .



Alterna Arnaut Daniel e Cavalcanti .
Cedo suscita / o descôrdo e a tense .

Ao projetar o tema sôbre o tema
Explota a área lingüística do verso :

Condensa a estrutura sua prismática
Ideo . gramando o cosmotexto .

Roma 1965

MURILOGRAMA A T . S . ELIOT

NO MEU PRINCÍPIO ESTÁ MEU FIM .

Os tempos se sucedem se acavalam , engrenagem
Se autoesfregando , se roendo , se recriando
Em contínua autoinvenção & metamorfose .



A luz cai vertical no princípio & no fim ,
No osso do homem & na sua pele .
Matéria & forma se ajustam no alto & no baixo .
Tudo já foi escrito repensado
Na caverna & no espaço do reator .
Já vivemos & fomos vividos por outrem
Já usamos & fomos usados por outrem
No renovado atrito & rotação
De coisas & pessoas levigadas
Pela terra a teologia a matemática .
Se encontram claro & escuro , se abraçando .
Poeta & economista ,
Filólogo & físico nuclear
Se embatem , se penetram .



Já morri . Já fui julgado . Já ressuscitei .
Já estive . Já foi . Já principiou .

Já pensou . Já explodiu .

IN MY BEGINNING IS MY END .

Amanhã é súbito antigamente .

Antegiro . Antepoeira . Antepalavra

Exausta ressurrecta .

Já posthouve . Já postfui .

Antes & post .

Antepost .

Genebra 1964

MURILOGRAMA A UNGARETTI

Conhecer os limites da linguagem
Afrontando as palavras travestidas .

“Uomo ferito” ir , prestes arando
Para fundar o ser , próprio à palavra .

Recompor o espaço ocupado por outrem
Com inútil ornato . Refazer a base .

Assumir a palavra refratária
Nossa única herança e território .

Frioviolento , já extrair a coisa
Sinônimo de palavras , revelando-a .

*

Álacre . Fogo interno , não fogo-fátuo
Elétrico , nutre-lhe o silêncio-grito .

A natureza , didascália informe ,
Exaure-se , frente ao diagrama abstrato .

Roma 1965

MURIOLOGRAMA A NANNI BALESTRINI

Truncar a palavra / coisa
Podá-la nas patas
Estilhaçá-la consciente .

A um engenho eletrônico
Entregar o osso de um texto
Que resultará noutro texto
Cifrado :
O do engenho eletrônico ?

FORSE GLI AUTOMI
HANNO RAGIONE.
Montale.

Comêço : sem fim .
Comêço : sem intermédio .
Nem comêço .

•

Que é finalmente o poema :
Palavra ou frase ?
Sem frase levanta-se palavra ?



O poeta planifica
O texto de linhas retas .
Não o que o texto quer .

O texto não-total
Será mesmo divisão :

Unidade aristotélica
Só funciona no tratado ,
Na matéria do homem não .

Dante / Petrarca / Leopardi
Operaram quando ainda
Subsistia
O homem-metáfora .

O homem
Hoje
Não _____

Roma 1965

MURILOGRAMA A PASCAL

O ruído interno & a figura dêesses espaços
Me aterrorizam .

Universos :

Universos desencadeados
Universos-leopardos
Caçam trilhões de universos dispersos
Universos-pilotos tripulam
Universos-naves

Universórgãos
Univerloncelos
Universoboés
Constroem universons

Universos tossindo assobiando

Galáxias :

Faixas-galáxias
Amamentam galáxias antípodas

Betelgeuses fabricam Betelgeuses
Pluricéus reiventam pluricéus

Em movimento fogo & número
Ruído rotação
O galaxial ferve .



Êsses múltiplos territórios desconhecem
Nossa palavra , metáfora do silêncio :

Microuniverso
Autosatélite
Portátil
Lábil
Glória do homem & transístor .



Construído com peças sobressalentes
Num duplo espaço
Racional subliminar
Espírito & autômato
O homem é .

Subimos no porão / descemos no astro .

Roma 1963

MURIOLOGRAMA A HERÁCLITO DE ÉFESO

Polémos pantor patér

Pelo idêntico princípio reversível

Tudo marcha

progressivamente

para a paz

Ekpyrósis

Pressupõe diakósmesis

Sim :

Panta rhei

Tôdas as coisas fluem

correm

decorrem

Sob o sol grão

Sob o sol grande

Que nem pé de homem

Heráclito de Éfeso :

Tudo flui

Transforma

Se trans-forma

De ti Heráclito
Pai antigo descendem
o méson
o eléctron
o próton

Heráclito de Éfeso
Tudo flui
Deflui
No devir
Tudo devirá devém
• ar
• água
• terra
• fogo

Tudo devém
visa
devisa

Heráclito de Éfeso
move mente
pai movimento

Humanos todos nós
 desaramos
 desaguamos
 desterramos
 desfogamos

Ar texto
água texto
terra texto
fogo texto
com texto
 no
universo
contexto

Roma 1964

FINAL E COMÊÇO

Lacerado pelas palavras-bacantes

Visíveis tácteis audíveis

Orfeu

Impede mesmo assim sua diáspora

Mantendo-lhes o nervo & a ságoma .

Orfeu Orftu Orfêles

Orfnós Orfvós Orfêles

F I M ?

SINTAXE

À Fabulosa Memória
de
OSWALD DE ANDRADE

TEXTO DE INFORMAÇÃO

1

Noitefazes
Ou disfazes ?

Noite redonda
Cararredonda
Ar voando :
Sono da palavra
Coisa-feita .

Dia quadrado
Caraquadrada
Ar parando :
Insônia da palavra .
Coisa-fazes .
Diafazes .

2

Tiro do bôlso examino
Certas figuras de gramática
de retórica
de poética
Considero-as na sua forma visual
Fora de função / no seu pêso específico
& som próprio
de palavras isoladas :

Ôxímoron ; anáclase . sinérese
Sinédoque . anacoluto . metáfora
Hipérbato . hipérbole . hipálage
Assíndeto

3

Ponga, s. f. (Bras. Norte) Espécie de jôgo . Consiste num quadrilátero de madeira ou papel em que se traçam duas diagonais e duas perpendiculares que se cruzam e em que se jogam dados .

4

Inserido numa paisagem quadrilingüe
Tento operar com violência
Essa coluna vertebral , a linguagem .

Esquadrinho nas palavras
Meu espaço e meu tempo justapostos .
E dobro-me ao fâscino dos fatos
Que investem a página branca :

Perdoai-me
Valéry
Drummond .

5

. . . as palavras / coisas / são belas
No seu vestido justo
Criado por alfaiates-óticos .

Eu tenho a vista e a visão :
Soldei concreto e abstrato .

Webernizei-me . Joãocabralizei-me .
Francispongei-me . Mondrianizei-me .

Roma 1964

A CORDA

O navio amarrado . O pássaro amarrado .

A pedra amarrada .

O homem .

EXPLOSÕES

A ode explode . O bode explode .

O Etna explode . O erre explode .

A mina explode . A mitra explode .

Tudo agora e amanhã explode .

Exceto a Bomba : o homem não pode .

O homem não pode . O homem não pode . O homem
[não pode .

•

O homem pode :

Soltar a vida . Fuzilar a Bomba . Reinventar a ode .

O ÔLHO DA JANELA

Agora lá se vai a pessoa quadrada
Agora lá se foi a pessoa redonda
Agora lá se foi , agora lá se vão .

Nunca mais voltará , nunca mais voltarão .

Um dia voltará a pessoa-quadrada ?
Um dia voltará a pessoa-redonda ?
Um dia voltará , um dia voltarão ?

Um dia voltará , um dia voltarão :

A pé ou de avião um dia voltarão .
Um dia voltará a pessoa quadrada .
Um dia voltará a pessoa redonda :

No dia do juízo , a pé ou de avião .

AS VÁLVULAS

As válvulas da valva . As válvulas da vulva .
As válvulas da viola . As válvulas do vulgo .
As válvulas do povo . As válvulas do polvo .
As válvulas da valsa . As válvulas da viúva .

A ESCÔVA

Tôda escôva escova a coisa .

Nenhuma escôva escova a cova .

Mas a cova não é coisa ?

É coisa , sim , mas é cova :

A mínima sobra do ôvo

Inicial do homem ; a (mínima) nova

Casca onde o homem , êsse ôvo ,

Dispensa escôva , inda nova .

A IDADE DA PRATA

As tenazes da flor . A flora das irmãs .

O Deus desarticulado . O cangote das primas .

O amanhecer do filme . As flautas do horizonte .

A goiaba madura . As índias de Alencar .

MARCHA DO POETA

Allons enfants de la poésie
Le jour de lutte arrive chaque jour .

Allons enfants de la poésie
Le jour de gloire arrive chaque jour .

O IMPERADOR

O sol do imperador . O som do imperador . O trem do imperador . O trono do imperador . O não do imperador . A noz do imperador . A mão do imperador . O mau do imperador . O bol do imperador . O bel do imperador . O til do imperador . O tal do imperador . O pum do imperador . O pó do imperador . O pai do imperador . O pau do imperador . O chá do imperador . O xis do imperador . O fês do imperador . A foz do imperador . Os reis do imperador . Os réis do imperador . Os fãis do imperador . O fim do imperador .

ISABEL

Isabel . Isabelanda . Isabelenda . Isabelinda ,
Isabelonda . Isabelunda .

As ondas de Isabel . As rondas de Isabel . As
ancas de Isabel . Os incas de Isabel . Os fogos de Isa-
bel . Os figos de Isabel . As latas de Isabel . As lu-
tas de Isabel . Os doces de Isabel . Os disses de Isa-
bel . As facas de Isabel . As focas de Isabel . Os
cravos de Isabel . Os crivos de Isabel . Os dados de
Isabel . Os doidos de Isabel . As fúrias de Isabel . As
férias de Isabel . As farsas de Isabel . A fôrça de
Isabel . Os mantos de Isabel . Os montes de Isabel .
O garfo de Isabel . O grifo de Isabel . O rosto de
Isabel . Os rastos de Isabel . O reino de Isabel . Os
restos de Isabel .

OS ADEMANES

Os ademanes de Adão . Os ademanes de Adônis

Os ademanes do leão . Os ademanes do pênis .

Os ademanes do pé . Os ademanes da mão .

Os ademanes da foca . Os ademanes do fogo .

Os ademanes do pássaro . Os ademanes da flor .

Os ademanes do gato . Os ademanes da gueixa .

Os ademanes do amor . Os ademanes da atriz .

Os ademanes do padre . Os ademanes de Adélia .

Os ademanes da viva . Os ademanes da porta .

O PASSARÃO

Um grande pássaro poderoso investe e veste as janelas
[do hotel .

•

Os pássaros um dia
passarão de moda .

As aeronaves um dia
passarão de moda .

A roda do tempo
passará .

Passarão . Passarão . Passarão .

•

Ó Salomão . Ó São João , Ó Jeroboão ,

Bem sabeis :

O Passarão , o Pantocrátor
Subsistirá .

O VINHO

As redondezas do vinho . As asperezas do vinho .
As veleidades do vinho . As veludezas do vinho .
As calorias do vinho . Os labirintos do vinho .
As branquidades do vinho . As verdolências do vinho .
As rosaledas do vinho . As inverdades do vinho .
As bordalesas do vinho . As borgonhesas do vinho .
As fluidezas do vinho . As espessuras do vinho .
Os jaguardentes do vinho . As águas duras do vinho .
As florisbelas do vinho . As florisfeias do vinho .

•

Os operários do vinho . As excelências do vinho .
As sonolências do vinho . Os maremotos do vinho .

DESDÊMONA

A dêmona . A demona . A demoná .

A dissonante . A anfisbena . A aliciadora .

A serpentina . A sulfurosa . A solferina .

A de olho-em-pé . Sexo-porta . Nuca-dente .

A torcionária . A torquês-dama . A horizontal .

A teatrosa . A feminina . A cabradona .

A enrodilheira . A venuseira . A espantadeira

Que “me fazia tremer a veia e os pulsos”

Na minha idade 15 , desmamado .

ARCANOS

Os arcanos do sol . Os arcanos do chão .

Os arcanos da cal . Os arcanos da Callas .

Os arcanos do bem . Os arcanos de Mao .

Os arcanos do rum . Os arcanos da roda .

Os arcanos do “boom”. Os arcanos dos panos .

Os arcanos do til . Os arcanos do Tao .

Os arcanos do céu . Os arcanos dos canos .

Os arcanos do zero . Os arcanos do zoo .

Os arcanos da fome . Os arcanos do oboé .

TAMBORES

Os tambores da água . Os tambores de pele ,
Os tambores do ar . Os tambores do vento .
Os tambores do sexo . Os tambores da fome .



Os tambornus . Os tambornãos . Os tamboretas
Trazidos ao tambor . Os tamborins .



O tambar . O também . O tambor .
O tâmbor do tantã . O gongo do tambor .

ULALUME

O livro de Ulalume . O leque de Ulalume . Os laços
[de Ulalume .

A luva de Ulalume . A lenda de Ulalume .

•

O ulo . O lençol . O lenho . O lume .

•

G

A garganta . A gargantilha . A garra . O grito .

[A Górgone .

COLAGEM PARA DRUMMOND

As pedras de Itabira . A pedra de Drummond .



O ferro de Itabira . As farpas de Drummond .

As tropas de Itabira . Os tropos de Drummond .

Os tetos de Itabira . O tato de Drummond .

As madres de Itabira . Os mortos de Drummond .

Os podres de Itabira . Os padres de Drummond .

Os couros de Itabira . A cara de Drummond .

O frio de Itabira . O frio de Drummond .

As fotos de Itabira . Os fatos de Drummond .

As serras de Itabira . O sarro de Drummond .

As noras de Itabira . Os netos de Drummond .

O lombo de Itabira . A lombra de Drummond .

Os matos de Itabira . Os ratos de Drummond .

As bundas de Itabira . Os bondes de Drummond .

As filhas de Itabira . As fôlhas de Drummond .

As nugas de Itabira . A náusea de Drummond .

As donas de Itabira . Os donos de Drummond .



O enigma de Drummond . O enigma do Brasil .
As minas de Drummond . As minas do Brasil .
O norte de Drummond . O norte do Brasil .
As noites de Drummond . A noite do Brasil .
A época de Drummond . A época do Brasil .
O ápore de Drummond . O ápore do Brasil .
Os parques de Drummond . As parcas do Brasil .



O Cristo de Itabira . O Cristo de Drummond .

A ROTATIVA

A rotativa gira a rotativa dói

A rotativa mira a rotativa mói

A rotativa vira a rotativa vai

A rotativa tira a rotativa vem .



A rotativa puxa o revólver do livro .

A rotativa puxa a faca do jornal

AS PLUMAS

As plumas do pavão as plumas do avestruz
As plumas do flabelo as plumas do repuxo .

As plumas do tubarão nos paços da cidade
As plumas do Xangô a pluma de Cabral .

“O cão sem plumas”.

DOIS TEMPOS

Ouviu-se um estampido : era Hitler cuspendo .

Ouviu-se um estampido : era Hitler cuspendo .

ESTUDOS DA LETRA V

Lá vai a letra V

Lá vai a letra V voando

Lá vai o vector da letra V levando o avô

Lá vai o avô da letra V

Lá vai o avô na letra V

Voando . O avô da letra V .

Lá vai o veleiro o vizinho o vector

Tudo vai tudo leva tudo vê

Tudo voa tudo ova ahimè ! tudo desvoa .

•

“Alô !” Voou na môça . A môça

Voou . Victor vazio sem vector desvê .

•

Vênus multiplicada nos desvãos do avô .

•

Do mar Vênus nasceu matando minha avó .

! ORVÂMPOLA !

O SILÊNCIO

O silêncio do papa . O silêncio da paina .
As rodas do silêncio . O silêncio do avô .

O silêncio da bela . O silêncio da bola .
O pulo do silêncio . O silêncio do polo .

Não toques no silêncio :
Os esquimós dormindo .

AS DELÍCIAS ETC .

A delícia de ser . As delícias do ser .

A náusea de não-ser . As náuseas do não-ser .



As delícias do ver . As náuseas do não-ver .



A estação “Las Delícias”, no centro de Madri ,

A estação “Las Delícias” , feia de doer .



A hortelã-pimenta a hortelã de mel

A hortelã-romana a hortelã da porta

A hortelã-pimenta a hortelã de mel

A hortelã-do-campo a hortelã da aorta .



Os cântaros de barro os cântaros da Grécia

Os cântaros de vidro os cântaros da Suécia .

ROTAS

A rota do serrote . A rota do algodão .
A rota da colomba . A rota da Baía .
A rota da montanha . A rota da baleia .
A rota do relâmpago . A rota da fumaça .
A rota da mazurca . A rota da galáxia .



A de-rrota da fome . A de-rrota da espada . A
[de-rrota da Bomba .

ROTAÇÃO

A rotação da roda . A rotação do tempo .
A rotação do pé . A rotação do vento .

A rotação de Cristo . A rotação da pedra .
A rotação do som . A rotação da terra .

A rotação do não . A rotação da sombra .
A rotação do sim . A rotação do sal .

A rotação do sim . A rotação da sombra .
A rotação do não . A rotação do sol .

A rotação da água . A rotação do grão .
A rotação do ar . A rotação do fogo .



A rotação da pena . A rotação da fome .

COMÍCIOS

O comício no campo o comício na usina

O comício na igreja o comício no trem

O comício na praça o comício na pressa

O comício proibido o comício partido

O comício da bola o comício do touro

O comício da sombra os fogos do comício



O júízo universal , comício dos comícios .

O ERRE

Os erres do êrro . O erre da culatra .

O erre do erpe . O erre do tambor .

Os erres da errata . Os erres do erradio .

Os erres da derrota . Os erros do esquimó .

Sem erro, na rota do rangífer

Rangendo os dentes de ferro , de frio , de terror .

A RODA DE ROMA

As ondas redondas dos mares com fome

As ondas redondas dos mares com fim

As ondas redondas das rodas de Roma

As ondas redondas da Roma sem fim .

LÂMINAS

As lâminas afiadas do ar do século XX

As lâminas afiadas da tensão do século XX .

As lâminas afiadas da atenção do século XX .

As lâminas afiadas da rotação do século XX .



As lâminas afiadas da multifoice , da multiface do
[século XX .

O DESOMEM

O desomem sem h desova o desomem a desmulher a descriança .

O desomem desova o desamor o antisemitismo o anticristianismo as câmaras de gaz os campos de concentração o pânico o serrote o martelo a torquês o pânico dos pânicos .

O desomem desova a desarte a despoesia a desmúsica a despedida do homem .

O desomem desova a fome a peste a guerra a morte .

HOMENAGENS

Homenagem a Chardin . Homenagem a Cézanne .
Homenagem a Platão . Homenagem a Plotino .
Homenagem a Quevedo . Homenagem a Queneau .
Homenagem a Ravel . Homenagem a Racine .

O SERROTE

O serrote parado o serrote correndo o serrote rangendo
Os dentes de serrote .

O serrote gemendo no aço do serrote .

O serrote serrando o lenhador a lenha .

O serrador . O serra-dor . O servo do serrote .

O vértice da serra . O vértice da terra . O vértice do
[serrote .

O serrote sem margem sem saída .



Nas terras onde passa o serrote as pombas levantam
imediatamente o vôo em sinal de protesto .

MARGENS

A margem do orçamento . A margem do caderno .

A margem do navio . A margem da cabeça .

O marginal maginando à margem / o marginal

magicando .

O mágico magica à margem .

A margem do marginal o marginal do mágico .

MACHO & FÊMEA

O leão a leonesa
O tigre a tigresa
O piano a pianesa
O martelo a martelesa
O turco a turquesa
O clavicórdio a clavicordesa
O serrote a serrotesa
O bordel a bordalesa
O avião a avionesa
O radar a radaresa
O bonde a bondesa
O veronês a veronesa
O pavês a pavesa
O touro a touresa .



O pavão a pavana
O paxá a pachorra
O rei-cláudio a rainha-cláudia
O macho a macha .

O NAVIO

O espaço do navio . Sua majestade .



Os paços do navio . Os passos do navio . As naves
ao ar livre do navio . Os órgãos do mar do navio .
As rodas do navio . A ronda do navio . O radar .



O navio amarrado . O navio flutuante . O ritmo do
navio . Os remos do navio . O rumo do navio . O
navio correndo . O navio comendo . O navio fuman-
do . O navio ventando . O navio horando . O navio
chorando . As praias do navio . Os morros do navio .
Os ogres do navio . As órgias do navio . Os filmes
do navio . A dança do navio a barlavento . As donas
do navio a sotavento : vamos a bordo delas , balan-
çando . O enjôo do navio . O ô-ô-ô do navio .



O navio de passageiros , passageiros . O navio mer-
cante , mercando águas . O navio avionando , ave .
O navio de guerra, ahimè ! As hélices do navio . Os
lenços . O navio da paz . O navio sem bombas . O
navio da paz com as pombas atracando .

O MÊDO

O mêdo shakespeareano

O mêdo pirandelliano

O mêdo kafkeano

O mêdo vaticano

O mêdo americano

O mêdo muriliano



O mêdo medra o mêdo merdra

o mêdo poroso o mêdo contagioso o mêdo rotativo o
mêdo definitivo

sobrevivente ao fim do mundo ,
carne e osso de mêdo , anterior ao átomo .

ESTUDOS DE CZERNY

Estudos de Czerny
escadas volantes
escalas volantes
escadas ascendentes
escadas descendentes
escalas ascendentes
escalas descendentes
arpejos dançantes
arpejos volantes
escadas dançantes
escalas dançantes
estudos em movimento
escalas em movimento
escolas de cromatismo
escalas de cromatismo
estudos de Czerny
estudos dançantes

METAMORFOSES (1)

Girafal . Girafel . Girabol . Girassal .

•

O avelame . O averlame .
O averleme . O averlima .
O averlomem . O averlume .

O lume da avelã . A lâ do averlume .
A vela da avelã . Ave , lâ da avelã .

O lumarve .

O larvume .

•

A pira . La Pira . O piromante . A pira do Pireu . A
pira de La Pira . O Pireu do piromante .

•

O vidro . O virus . O vidromem . O viromem . O
viromem vira virus . A vara do viromem . Chove no
vidromem . Chove na vidraça do vidromem . A vi-
ração na vidraça do vidromem . A viração vidrando .

O vidromal . O vidromel . O vidromil . O vidromeu .
A vera Vidrolândia . As landes da Vidrândia . As
ânsias do Vidronde .

O viração . O vidração . O vidramor .

O redondo do vidro . O vidro do redondre . O redon-
do do virus . O virus do redondro .

METAMORFOSES (2)

O vidromar . O vidromir . O vidromur .

•

O dilema . O trilema . O xilema .
O dilume . O trilume . O xislume .

•

Abóbora . Arbóbora . Arbárbara .
Abreóboe . Abreoboé .
Arbôba .

•

O melodrama . O felodrama . O Rimbaudrama .

•

O trauma do menino . O trauma do serrote .
O trauma da ternura . O trauma da torquês .

METAMORFOSES (3)

A infância giravênus . A infância viravênus . A atração de Vênus . A atracção de Vênus . A extração de Vênus . A Vênus de Venússia . A Vênus de Veneza . A veneziana de Vênus . A ventana de Vênus . A vestaglia de Vênus . A gelosia de Vênus . A rótula de Vênus . O rótulo da casavênus . Gesualdo da Venosa . O madrigal de Vênus . O madrugal de Vênus . A camisa-de-vênus . A camisa-de-fôrça ao fanático de Vênus . Os planêtas de Vênus . Vênus ao vinavil .



Água natural .
Água artificial .
Água vegetomineral .

Água urinada .
Água coisada .
Água aguada .



O pano levanta-se sôbre a mesa feltrada .

O fêltro do chapéu o fêltro do texto o fêltro do piano .
O fêltro dos martelos do piano .

Fêltro planta fêltro .

O texto de fêltro o triângulo de fêltro .

Alinhavar o fêltro .
Alilavar o texto .

Texto textomem testículo .

Feltromem ferromem textomem .

Feutre feu feitrine feutré .

O fêltro .

IL VELTRO .

FORMIDÁVEL

FORMIDÁVEL

FORMADÁVEL

FORMADÔVE

FORMADÔVO

FORMADÔVEL

FORMODÔVEL

FORMIDÁBLIU

FORMIDÁCTIL

FORMITÁCTIL

FORMIDANÇA

FORMADANÇA

FORMIDEDO

FORMIDENDO

FORMIDADO

FORMIDOIDO

FORMIDOÍDO

FORMIDONDO

FORMÓFILO

FORMÓFOBO

FORMIAUDÍVEL

FORMIVÁVEL

FORMIGÁVEL

FORMIDÁVEL

TRIANGULAR

TRIANGULAR

TRIENGOLIR

TRIANGULLAR

TRIANGULOSO

TRIANGULAR

TRIANGULTERRA

TRIANGULFOGO

TRIANGULÁGUA

TRIANGULAR TRIANGULARES

METAMORFOSES (4)

Homem : esferomem , esperomem .

O pensar descansa o homem . O des-pensar cansa . Gira-se o pensar , esfera .

O ditador : exterior ao homem . Deterior , posterior ao homem . O ditador é um estercomem . Nenhum ditador tem poder sôbre o esferomem , sômente sôbre o externomem . A bala atinge a pele não a bola , a esfera do esferomem .

•

O caracol

O caracal

O caracul

O caramel

O caromel

O carofel

O carretel de linha

O carretel de Lisa

O carretel na linha

O carretel totem

O carretel total .

•

As neves do novêlo . O novêlo da neve .

METAMORFOSES (5)

Descubro a rosa da cenoura , a cenoura da rosa .

•

A retina além do ouvido gira o eco .

•

A flor enorme gira asfixiando a jibóia .

•

O reverso do eco : sempre o eco .

•

O reverso da fome : sempre a fome .

•

O aprumo da régua . O aprumo do compasso .

•

Os apuros do prumo sempre a prumo .

•

Esqueleto ainda deitado sempre a prumo .

•

O prumo da razão arromba o escuro .

•

A pomba perde o aplomb ao desvoar .

•

O pássaro desova o espaço que desvoa .

•

A pérola certo dia perde as pétalas .

•

“Horizonte : des-vendável!” , diz o mercador .

•

O rádio : premem um botão no país ao lado .

•

Uma mulher soluçando . Um homem solo-ursando .

METAMORFOSES (6)

•

O terror estampado

O terror estampido

O terror o terrar o aterrar

O terror de aterrar . Terror de decolar .

A decolagem do avião

A decolagem da mão

A decolagem do não .

•

O til . O tom . O Tao .

•

O transradar

O transrodar

O transformar

O transfoamor

O transmontar

O tremdescer

O subirtrem

•

Os trovões do espaço . Os trovões do espêso . Os trovões da espada .

As mãos do amanhecer . Os pés do anoitecer .

Os pais do amanhecer . As mães do anoitecer .

METAMORFOSES (7)

•

A copla . A manopla . O óplon .

•

O aguilhão . O diapasão . O giramão .

•

Tempo de rodomel ? Tempo de rodofel .

•

O hidromel . O hidrofel . O hidroavião .

•

O rodar do radar . O radar do rodar .

A NOITE ETRUSCA

Quatro mil anos antes considero
A Etrúria escura desovando Roma .

CÂMARAS

A câmara municipal . A câmara municipool . A câmara dos deputados . A câmara dos despeitados . As câmaras de gaz . A câmara da quimera . A câmara da química .

ROMA

Roma não tolerava a rima com outras Romas e outras rimas e outros ramos de outras Romas e outros remos e outros rumos e outros ritos e outros ratos e outras retas e outras rotas e outras ratas .

DATAS

Os magos janeiram dia 6

Os peixes abrilam dia 1

A Virgem setembra dia 8

Os mortos novembram dia 2 .

A PEDRA

A mulher-pedra de Dante a pedra de São Pedro

A pedra de Drummond

Prevista neste poema

De pedra .



A pedra preciosa a pedra vira-lata .

A pedra dura na água dura

Tanto dá tanto deu até que fura

A pedra de dentro a pedra de fora

A pedra do centro a pedra te fura .

A pedra no sapato a pedra na sapota .



A pedra do bem a pedra do mal

A pedra-bomba te espera

Áspera

A pedra do filme do fim .

A PEDRA POMES

A pedra pomes .

O padre Pomes .

A pedra pomos .

Na mão do padre a pedra pomes

A pedra pomes na mão do padre Pomes

Pomos

Os pomos de pedra pomes .

O padre Pomes põe a pedra na sua mão

O padre Pomes põe a pedra no missal

Ou no míssil ?

TÉSSERA

Literato (sic) até o mínimo osso
Desafio a lente o longe a lontra

Abraço o teorema a tesoura o trilema

Encaro o metro a memória a medusa

Afronto a afronta a afta a África ;

Empunho o copo ácopo, bebo à saúde do enigma : sem
o qual não se manifestará a clareza , nosso branco alvo ,
alfa e ômega da reta .

METAMORFOSES (8)

O mar abre a janela sôbre Vênus .

•

As janelas da putain dão sôbre o falo do vizinho .

•

O cavaleiro o cinemeiro navieiro .

•

O giracundo o girafundo o giramundo .

•

Ana Lívia Plurabala

Ana Lívia Plurabela

Ana Lívia Plurabola

Ana Lívia Plurábula

•

Manucear manusear manutear

•

As sacerdotisas dóricas

As sacerdotisas délficas

As sacerdotisas druidesas

As sacerdotisas dúcteis

•

Ester solava . Esmeralda noitava . Débora ventava .

Madalena chovia . Flora relampejava .

METAMORFOSES (9)

O sardo . A sarda da Sardenha . A sarda do rosto .
A sardenta . A sardanisca . A sardana . A sardinha .

•

Retroceder . Retroveder . Retromedir . Retropedir .
Retrometer . Retromotor . Retropensar . Retrogirar .
Retromirar .

•

Venusear . Venusfagar . Venusarder .

•

O séptuor de Beethoven . O séptuor de Bartók . O
séptuor de Mallarmé .

ROMARIAS

As romarias a Roma . As romarias a Santiago . As romarias a Congonhas , ao Bom Jesus de Matozinhos .

As romarias ao amor . As romarias ao mato . As romarias ao teatro .

As romarias em círculo . As romarias em fila indiana .
As romarias às romanzeiras . As romarias em flor .

A roda das romarias . O rude das romarias . Os rogos das romarias . A musiquinha das romarias .

As romarias . As Roluisas . As Robeatrizes . As romarias às Roluísas , às Robeatrizes .

PALAVRAS INVENTADAS
(EM FORMA DE TANDEM)

Ardêmpora	neclauses
Bisdrômena	guevolt
Canéstrofa	trapesso
Desdômetro	fanúria
Ervêmera	valdert
Ferdúmetri	beliús
Glamífero	glavencs
Hedvâmpero	notraut
Irglêmone	pantêusis
Jirtófelo	jivórnea
Kastrúnfera	vidrolt
Lirtêmola	dergalt
Mirpólita	corvecss
Normúfilo	zemiltz
Orgântula	vernodr
Pordênola	punerv
Quervídrola	forguenz
Rindáutera	norlun
Sernôfelant	obcúrima
Terrábile	viednon
Urtêmbrola	regrit
Vercáubero	tanélia
Xisdêrdalo	verdinktra
Zedráufila	perclômeno

DIDO

1

mísera
Dido
pelos
paços
brancos
de
Évora
u
lu
lulu
lã
do
tira
dado
dedo :
au au
aurora
aurosa
de Hómero
Virgílio
Purcell
Gárção

Dido
Flor
bela
Es
panca
na Évora
deserta
sem Éneas
tira
(bela)
bala
a barca
de Flege
tonte
tanto
tonta
surcando
vai

FERRARA

As musas inquietantes de Ferrara .
As m-usas inquietantes de Ferrara .
Os rr (inquietantes) de Ferrara .
As farras inquietantes de Ferrara .
Os Tassos inquierrantos de Ferrara .
Os Turas inquietantes de Ferrara .
As • môtas inquietontas de Ferrara .
As massas in-quietas de Ferrara .

•

Os senhores d'Este . O castelo d'Este . O palácio Schi-
fanoia . O Primeiro De Chirico
inquietantos .

O PIANO & SEUS PARENTES

O pianoforte . O pianofraco . O pianopiano .

O piano de cauda , de cauda de mulher , de sereia , de
[cavalo

Os pianos de armário . As pianolas de Arminda .

O pianopluma . O pianopêso . O pianopazzo .

O piano celibatário . O piano da pianesa . O pianino .

A pianesa intacta . A pianesa violada . A pianesa
[abolida .

Os problemas do piano . Os problemas da paz . Os
[problemas do pó .

O PÓ

O pé geral espera . A pá geral espera . O pó geral não espera .

O pó : áspero . Ácido . Uma épura .

O pó esporeia .

O pó da pá , o pó do pé , o pó do p .

O pó de Persefone , do telefone , do linguafone , da fonética , da ética , da estética .

Dédalos de pó , Piranesis de pó , galáxias de pó sem ao menos o mínimo nome : pó .

MÓBILE

O móbile do prisma . O móbile da nuvem . O móbile navio . O móbile piorra . O móbile do rio . O móbile do Rio . A móbile baía . A móbile Baía . O móbile da esfera . O móbile da roda .

La donna è mobile .

O móbile da luta , o móbile de Calder .

URSO & ÚRSULA

As garras maiúsculas do urso .
As gangorras da maiúscula .
As piorras da maiúscula .
O teatro branco e prêto do urso .

As ursadas de Úrsula .
As pernas maiúsculas de Úrsula .
Os subterrâneos de Úrsula
A plástica da Úrsula maior .

Maiuscular , Ursular .
Ursulamaiorar , Ursulamajorar .

•

As estrêlas da URSSA .
Os martelos e foices da URSSA .
As aeronaves da URSSA .
As galas e galáxias da URSSA .

•

O máior do menor . O menor do maior .

METAMORFOSES (10)

Mar (sic)

Mar maior

Mármore (sic)

Moármore

Moarmármore

Moermármore

Mortomármore

Mortomoermármore

Marmorizado

•

Trevo

Trevo de quatro falhas

Trevo de quatro filhas

Trevo de quatro fôlhas

Trevo trave treva trova

Trevo uma trovata

Na treva na trova na trovoada

METAMORFOSES (11)

Astronave

Astroneve

Astronive

Astronôvo

Astronuvem

Astronável

•

Pesca submarina

Pesca sub Marina

•

Vaidade

Vai dado

Vai dedo

Vai Dido

Vai doido

Vai tudo

Vãidade

Vaidar

•

Paul Klee

Paul clé

A INSÔNIA

A insônia da girafa a insônia do farol
A insônia da tesoura a insônia do dicaz
A insônia do sapato a insônia do revólver
A insônia de Lenine e a insônia de Max Ernst .

•

A insônia do nó a insônia do espadarte
A insônia do gargalo a insônia do hipsilo
A insônia da Indonésia a insônia do Vietnã
A insônia do diafragma a insônia do roedor .

•

A insônia do morto milenário .

•

A insônia do “cérebro” eletrônico .

•

Os preliminares da insônia . Os percevejos da insônia .
A topografia da insônia . As voltas redondas da insônia .
As Rosalindas da insônia . As Samarcandas da insônia .
Os rinocerontes da insônia . As astronaves da insônia .
O juízo final da insônia .

AS ANDORINHAS

As andorinhas giram miram viram, piam piadas , microfilmam a nuvem , sobrevoam casos , sobrevoam casas , quebram fios , quebram copos , falam mal de mim , falam mal de mim . Não existe mam , não existe mem , não existe mom , não existe mum . Portanto elas falam mal de mim . Giram , miram , piam .

As an-dorinhas : na minha infância houve uma Dori-nha quase sem peitos , mas cheirava bem . Quebrava sempre copos .

O céu é adorável , andorinhável , andorável , acoplável com a terra . inquebrável .

Ditado pisano : “Per l’Annunziata la rondine è arrivata ; e se non è arrivata è per strada o è malata .”

LUNIK

Estrêla da terra Lunik 9
Nova prosa dos nove Lunik

Nave 9 neva 9 na nova
Lua sem lues : Lunik
Nik nik Urssa

RODAS

O arco da menina Guiomar rodando numa praça de Juiz de Fora em 1910 .



A roda do arco . A roda de Guiomar . A roda do vestido de Guiomar . A cabeça de Guiomar rodando . As rodas da minha cabeça rodando por causa de Guiomar .



As rodas dos arcos das meninas de Juiz de Fora rodando numa praça em 1910 . Os laçarotes das cabeças dessas meninas rodando . Essas meninas rodando na minha cabeça .



Tôdas as rodas do mundo rodando desde o começo da roda até a consumação final dos tempos rodando , rodando .



As cabeças sem rodas , os desrodados , os deserdados das rodas , os antipoetas sem rodas , os operadores das rodas infernais dos carros bélicos , a roda de Íxion , as

rodas antirodas dos homens sem imaginação , os marginais das rodas , os conspiradores das rodas , os reis das antirodas , os assassinos das rodas , os expulsos das rodas , os díscolos das rodas , os inimigos da roda da história ;

a roda redonda das rodas redondas rodando nas rotas redondas das ruas sem fim das retas sem fim dos rios sem fim dos ritos sem fim nas rodas redondas das romas redondas das rodas redondas das romas sem fim

TEXTO DE CONSULTA

1

A página branca indicará o discurso
Ou a supressão o discurso ?

As página branca aumenta a coisa
Ou ainda diminui o mínimo ?

O poema é o texto ? O poeta ?
O poema é o texto + o poeta ?
O poema é o poeta – o texto ?

O texto é o contexto do poeta
Ou o poeta do contexto do texto ?

O texto visível é o texto total
O antetexto o antitexto
Ou as ruínas do texto ?
O texto abole
Cria
Ou restaura ?

2

O texto deriva do operador do texto
Ou da coletividade — texto ?

O texto é manipulado
Pelo operador (ótico)
Pelo operador (cirurgião)
Ou pelo ótico-cirurgião ?

O texto é dado
Ou dador ?
O texto é objeto concreto
Abstrato
Ou concretoabstrato ?

O texto quando escreve
Escreve
Ou foi escrito
Reescrito ?

O texto será reescrito
Pelo tipógrafo / o leitor / o crítico ;
Pela roda do tempo ?

Sofre o operador :
O tipógrafo trunca o texto .
Melhor mandar à oficina
O texto já truncado .

3

O texto é o micromenabó do poeta
Ou o poeta o macromenabó do texto ?

4

A palavra nasce-me
fere-me
mata-me
coisa-me
ressucita-me

5

Serviremos a metáfora ?
Arquivaremos a ?

Metáfora : instrumento máximo ;

CASSIRER ,

A própria linguagem do homem .

ORTEGA Y GASSET

Invenção / translação .

6

A palavra cria o real ?
O real cria a palavra ?
Mais difícil de aferrar :
Realidade ou alucinação ?

Ou será a realidade
Um conjunto de alucinações ?

Existe um texto regional / nacional
 Ou todo texto é universal ?
 Que relação do texto
 Com os dedos ? Com os textos alheios ?

Giro	NÉ POUR D'ÉTERNELS
Com o texto a tiracolo	
	PARCHEMINS
Sem o texto	
	(MALLARMÉ)
Não decifro o itinerário .	

Tôda palavra é adâmica :
 Nomeia o homem
 Que nomeia a palavra .

Querendo situar objetos
 Construimos um elenco vertical .
 Enumeração caótica ?
 Antes definição .
 Catalogar , próprio do homem .

Morrer : perder o texto
 Perder a palavra / o discurso

Morrer : perder o texto
 Ser metido numa caixa
 Com têsto
 Sem texto .

Juízo final do texto :
Serei julgado pela palavra
Do dador da palavra / do sôpro / da chama .

O texto-coisa me espia
Com o ôlho de outrem .

Talvez me condene ao ergástulo .

O juízo final
Começa em mim
Nos lindes da
Minha palavra .

Roma 1965

ÍNDICE

CONVERGÊNCIA

Exergo

Grafitos

Grafito num muro de Roma	1
na pedra de meu pai	3
na pedra de minha mãe	5
na ex-casa paterna	6
para Ipólita	7
numa cadeira	9
no Pão de Açúcar	10
para Mário de Andrade	12
para Sousândrade	15
para Augusto dos Anjos	16
para Mário Pedrosa	18
em Marrakech	19
em Meknés	20
nos jardins de Chellah	22
em Fez	24
para a grande mesquita de Fez	26
em Tânger	27
na praça Djemaa el Fna	28
na lápide dum alfaiate grego	29
na lápide dum menina romana	30
para Li-Po	31

para Hokusai	32
para Shrî Râmakrishna	33
segundo Kafka	34
para Paolo Uccello	38
para Piranesi	40
na escultura “Santa Teresa” de Bernini	42
em Ravenna	43
para Borromini	46
para Giuseppe Capogrossi	47
para Ettore Colla	48
para Anton Pevsner	49
para Serguei Eisenstein	50
para Casimir Malevitch	51

MURILOGRAMAS

Murilograma ao Criador	54
a N.S.J.C.	56
a João Sebastião Bach	58
a Clara Rocha	59
a Bashô	62
a Guido Cavalcanti	63
a Hölderlin	65
a Leopardi	68
a Gérard de Nerval	71
a Baudelaire	72
a Rimbaud	74
a Mallarmé	76

para Maria da Saudade	77
a Camões	79
a Antero de Quental	81
a Antônio Nobre	82
a Cesário Verde	84
a Fernando Pessoa	86
para Manuel Bandeira	88
a Oswald de Andrade	90
a Graciliano Ramos	92
a Aníbal Machado	94
a Cecília Meireles	97
a C.D.A.	99
a João Cabral de Melo Neto	102
a Gabriela Mistral	105
a Teilhard de Chardin	106
a Claudio Monteverdi	107
a Debussy	108
a Dallapiccola	110
a Webern	111
a Ezra Pound	112
a T.S. Eliot	113
a Ungaretti	115
a Nanni Balestrini	116
a Pascal	118
a Heráclito de Éfeso	120
Final & Comêço	123

SINTAXE

Texto de informação	129
A corda	132
Explosões	133
O olho da janela	134
As válvulas	135
A êscova	136
A idade da prata	137
Marcha do poeta	138
O imperador	139
Isabel	140
Os ademanes	141
O passarão	142
O vinho	143
Desdêmona	144
Arcanos	145
Tambores	146
Ulalume	147
Colagem para Drummond	148
A rotativa	150
As plumas	151
Dois tempos	152
Estudos da letra V	153
O silêncio	154
As delícias etc.	155

Rotas	156
Rotação	157
Comícios	158
O erre	159
A roda de Roma	160
Lâminas	161
O desomem	162
Homenagens	163
O serrote	164
Margens	165
Macho & fêmea	166
O navio	167
O mêdo	168
Estudos de Czerny	169
Metamorfoses (1)	170
Metamorfoses (2)	171
Metamorfoses (3)	172
Formidável	174
Triangular	175
Metamorfoses (4)	176
Metamorfoses (5)	177
Metamorfoses (6)	178
Metamorfoses (7)	179
A noite etrusca	180
Câmaras	181
Roma	182
Datas	183

A pedra	184
A pedra pomes	185
Téssera	186
Metamorfozes (8)	187
Metamorfozes (9)	188
Romarias	189
Palavras Inventadas	190
Dido	191
Ferrara	193
O piano e seus parentes	194
O pó	195
Móbile	196
Urso & úrsula	197
Metamorfozes (10)	198
Metamorfozes (11)	199
A insônia	200
As andorinhas	201
Lunik	202
Rodas	203
Texto de consulta	205